

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES VISUAIS  
MESTRADO EM POÉTICAS VISUAIS - MINTER/UFRGS/UFAM

**A ILHA DO VELCRO:  
A PALAVRA EM PRÁTICAS ARTÍSTICAS LESBIANAS**

Leila Pessoa Bechtold

Novembro de 2022

Leila Pessoa Bechtold

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) como requisito parcial para obtenção de grau de Mestre em Poéticas Visuais, sob orientação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maristela Salvatori.

Novembro de 2022

## CIP - Catalogação na Publicação

Pessoa Bechtold, Leila

A ilha do velcro: A palavra em práticas artísticas  
lesbianas / Leila Pessoa Bechtold. -- 2022.

76 f.

Orientador: Maristela Salavatori.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Programa de  
Pós-Graduação em Artes Visuais, Porto Alegre, BR-RS,  
2022.

1. Palavra. 2. Estudos lesbianos. 3. Fricção. I.  
Salavatori, Maristela, orient. II. Título.

**Orientadora**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maristela Salvatori (orientadora PPGAV-IA UFRGS)

**Banca examinadora**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Debora Pazetto Ferreira (PPGAV-UDESC)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Pinheiro Machado Kern (PPGAV - UFRGS)

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bruna Wulff Fetter (PPGAV - UFRGS)

**Leila Pessoa Bechtold**

A ilha do velcro: A palavra em práticas artísticas lesbianas

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Área de concentração: Poéticas Visuais.

Orientadora

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maristela Salvatori (PPGAV/UFRGS)

Banca examinadora:

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Debora Pazetto Ferreira (PPGAV-UDESC)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Daniela Pinheiro Machado Kern (PPGAV - UFRGS)

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bruna Wulff Fetter (PPGAV - UFRGS)

---

## **Agradecimentos**

Dedico este escrito a todas as mulheres lésbicas que caminham lado a lado comigo: Gio, Carol, Tami, Pene, Mafê, Beca, Julia, Nanne, Laura, sem elas a vida seria outra, e este ano definitivamente não seria o mesmo.

À Gabi, por seu companheirismo compartilhado por monstros, dúvidas e anseios.

À Vi, por seu papel fundamental na estruturação desta pesquisa, aos auxílios e parcerias em diversos momentos de dúvidas em variadas áreas. Por seu carinho nesses anos, principalmente nos pandêmicos, onde nos vimos ilhadas de tudo e todos. Por ter recalculado a rota e ter se tornado o meu lugar.

À Cida, por estar lado a lado de mim independente dos anos e das circunstâncias, transbordando afeto e formando um lugar de segurança onde quer que seja.

À Luiza por seu companheirismo e lealdade, transformados em pequenos gestos de carinho que mudam todo o trajeto da vida.

À Debora, pelo carinho e por compartilhar sua biblioteca lesbiana e proporcionar trocas expressivas a este trabalho.

À Pam, pela leveza de estar aqui, por proporcionar um espaço de carinho em meio ao caos.

À minha irmã e Theozinho, pelo carinho e suporte nos anos mais complexos da minha existência.

À minha mãe, por todo apoio e amor de sempre, sem ela nada disso aqui seria possível.

## RESUMO

A presente pesquisa tem como tema a lesbianidade, explorada em variados recursos audiovisuais, e tem a palavra como elemento central. Apresentam-se trabalhos com interlocuções entre obras visuais pessoais, produções de artistas lésbicas que atuam na literatura e nas artes visuais e com o artista Leonilson. Nesse sentido, busca-se refletir sobre as temáticas que perpassam a lesbianidade, propõe-se o gesto de trazer a palavra como ato de submergir à superfície do visível, os processos de friccionar e ficcionar são combinados durante a construção da pesquisa, que se dá de forma teórico-prática e biográfica.

**Palavras-chave:** Palavra; Estudos Lesbianos; Fricção.

## **ABSTRACT**

The theme of this research is lesbianity, explored in various audiovisual resources, and has the word as its central element. It presents works with interlocutions between personal visual works, productions of lesbian artists who work in literature and visual arts, and with the artist Leonilson. In this sense, we seek to reflect on the themes that permeate lesbianism, we propose the gesture of bringing the word as an act of submerging the surface of the visible, the processes of rubbing and fiction are combined during the construction of the research, which takes place in a theoretical, practical and biographical way.

**Keywords:** Word; Lesbian Studies; Friction.



## ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1. Registro da videoperformance Sapatão, Leila Pessoa e Violeta Sutili, 2021..	18
Fig. 2. Registro da videoperformance Sapatão, Leila Pessoa e Violeta Sutili, 2021..	19
Fig. 3. Registro da videoperformance Sapatão, Leila Pessoa e Violeta Sutili, 2021..	19
Fig. 4. Registro da videoperformance Sapatão, Leila Pessoa e Violeta Sutili, 2021..	20
Fig. 5. Registro da videoperformance Sapatão, Leila Pessoa e Violeta Sutili, 2021..	20
Fig. 6. Registro da videoperformance Sapatão, Leila Pessoa e Violeta Sutili, 2021..	21
Fig. 7. Registro da videoperformance Sapatão, Leila Pessoa e Violeta Sutili, 2021..	21
Fig. 8. A dança das mãos, Leila Pessoa e Violeta Sutili, 2021. Fotografia digital.....	23
Fig. 9. Registro da obra Velcro, Leila Pessoa e Violeta Sutili, 2021. Fotografia digital. .....	25
Fig. 10. Self portrait/Cutting, Catherine Opie, 1993.....	26
Fig. 11. Ficção Vestível, Leila Pessoa, 2021. Fotografia digital.....	28
Fig. 12. Sapata! Machorra!, Cheyenne Luge, 2014.....	30
Fig. 13. Sapata! Machorra!, Cheyenne Luge, 2014.....	31
Fig. 14. Atropelo, Leila Pessoa, 2018. ....	36
Fig. 15. Registro do vídeo Diversões Públicas, Leila Pessoa, 2021. Frame.....	38
Fig. 16. Registro do vídeo Diversões Públicas, Leila Pessoa, 2021. Frame.....	38
Fig. 17. Registro do vídeo Diversões Públicas, Leila Pessoa, 2021. Frame.....	39
Fig. 18. Registro do vídeo Diversões Públicas, Leila Pessoa, 2021. Frame.....	39
Fig. 19. Revista Vogue Ideal, 1976. José Leonilson, Fanzine.....	44
Fig. 20. Neuza, José Leonilson, 1976. Fanzine.....	46
Fig. 21. Capa da Revista Entendida, Leila Pessoa, 2022. Ilustração digital.....	47
Fig. 22. Entendida. 2022, Leila Pessoa, Revista. ....	48
Fig. 23. Entendida. 2022, Leila Pessoa, Revista. ....	50
Fig. 24. Gráfico de regiões das participantes. Leila Pessoa. 2022.....	51
Fig. 25. Entendida. Leila Pessoa. 2022. Revista.....	52
Fig. 26. Tican-Titri. Leila Pessoa. 2022. Nanquim e caneta hidrocor.....	53
Fig. 27. Entendida. Pág.7. Leila Pessoa. 2022. Revista.....	53
Fig. 28. Mapa Ilha do Velcro. Leila Pessoa. 2022. Nanquim e caneta hidrocor.....	54
Fig. 29 Entendida. Pág. 6. Leila Pessoa. 2022. Revista.....	55

Fig. 30. Entendida. Pág.14 e 15. Leila Pessoa 2022. Revista.....	57
Fig. 31. Entendida. Pág. 14 e 15. 2022. Revista.....	59
Fig. 32. Processo de produção, tipografias. Fotografia digital, 2022.....	60
Fig. 33. Processo de produção, tipografias. Fotografia digital, 2022.....	61
Fig. 34. Processo de produção. Fotografia digital, 2022.....	62
Fig. 35. S de sapatão. Leila Pessoa. Impressão tipográfica. 2022.....	63
Fig. 36. Ilha do Velcro I. Leila Pessoa. 2022. Ilustração digital.....	64
Fig. 37. Ilha do Velcro II. Leila Pessoa. 2022. Ilustração digital.....	65
Fig. 38. Registro de colagem da Ilha do Velcro. 2022. Fotografia digital.....	67
Fig. 39. Registro de colagem da Ilha do Velcro. 2022. Fotografia digital.....	68
Fig. 40. Horizonte. Leila Pessoa. 2022. Impressão tipográfica.....	69
Fig. 41. Fricção Vestível. Leila Pessoa. 2022. Fotografia digital.....	69
Fig. 42. Tesourinha de unha. Leila Pessoa. 2022. Desenho digital.....	70
Fig. 43. Eu sou uma lésbica, Leila Pessoa. 2022. Cartaz. 29,7 x 42 cm. 2022.....	71
Fig. 44. Registro de colagem da Ilha do Velcro. 2022. Fotografia digital.....	72
Fig. 45. Registro de colagem da Ilha do Velcro. 2022. Fotografia digital.....	73

## SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO I - VETADO	11
1.1 A palavra	12
1.2. Velcro: como colou	15
1.3. Fricção sobre a pele	17
1.4. Abordagens lesbianas	29
CAPÍTULO II - VERDADE OU FRICÇÃO	32
2.1. Censura	32
2.2 Diversões Públicas	34
CAPÍTULO II - ILHA DO VELCRO	40
3.1 Arquivo de fricção	40
3.2 Ilha de fricção	58
Considerações finais	74
Bibliografia	75

TODA PESSOA QUE TOME CO  
NHECIMENTO DFSTE DOCUMENTO  
FICA RESPONSÁVEL PELA MANU  
TENÇÃO DE SEU SIGILO (RSAS)

o amor é uma tecnologia de guerra (sub  
notificam arma-biológica) indestrutível:  
a urgência dos nossos sonhos não espera  
o sono chegar: isso que a gente faz  
deitada chama revolução.

[...]

essa é química  
hormonal  
visceral  
astral

usa fonte de energia  
renovável ("friccional")  
é inesgotável reciclável tem  
garantia  
ancestral

o nome dela anda meio banal,  
"amor" (se bem que a prática tamos  
reinventando...), mas ainda é nossa maior  
tecnologia (y a mais vasta) en contra y adelante  
a escassez dessa cruzada. e eu não tenho  
medo: cada peito como o nosso abriga a força de mil granadas  
y mesmo assim nem  
se forçadas  
paramos de lançar  
primaveras pelos ares.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Trecho do poema Cientistas, de Tatiana Nascimento, blog *Palavrapreta* e publicado no seu Facebook em 24 de setembro de 2017. Carimbo retirado do parecer 1801, documento do Ministério da Justiça, Departamento de Polícia Federal, Divisão de Censura de Diversões Públicas, 1982.

## APRESENTAÇÃO

Quando, em situações ou contextos cotidianos, ocorre de depararmos com a palavra *sapatão*, quais são as reações que emergem? Seria esta palavra similar ao peso de presença do que teria a palavra mulher? A relação que cotidianamente venho tecendo junto do pensar desta palavra pertence ao campo das coisas que com muita dificuldade identificamos quando se estabelece um início. Pouco tinha consciência e eu um dia compreendi: sou lésbica e, eventualmente, esta identidade me faz refletir as palavras que permeiam essa vivência.

De uma forma muito bonita, Debora Pazetto fez uso da palavra de uma forma arredondada, fecho os olhos e consigo observar o traçado das suas palavras como uma dança das setas, palavras que se unem pouco a pouco e se complementam ao final, um respiro, um aconselhamento, mas além de tudo um guia para a trajetória do pensamento, carimbada com a escrita.

Juntar biografia e teoria: um possível antídoto à linguagem Universalizante que se passa por neutra ou objetiva. Mostrar o lugar em que meus pés estão plantados. Mas como escolher o que revelar em um espaço autobiográfico? Posso escolher me enunciar a partir de marcadores sociais que envolvem opressões ou garantias. Mulher cis lésbica branca latino-americana trabalhadora. No entanto, quando escrevo e penso analiso desenvolvo teorizo arte, o valor dos meus enunciados deriva de um lugar específico de opressão e garantia: o lugar da academia. Isso significa, entre muitas outras coisas que minha formação, minha prática docente, minha linguagem, meu pensamento e até mesmo minha possibilidade de performar um texto como este - uma autobiografia que encena a escrita acadêmica - derivam de um ambiente projetado por uma tradição colonial, patriarcal, cisheteronormativa, racista, antropocêntrica e individualista, que tanto autoriza minha fala quanto me silencia. (PAZETTO, 2021, p. 72).

Quando uma pesquisa envolve uma identidade pessoal, mas também coletiva, ela ressoa por diferentes horizontes até que se perceba perene em teoria e prática. Cavando pequenos espaços, achando lugares que possam possibilitar pequenos núcleos de resistência dentro da academia, até que o campo esteja repleto, a fundação esteja colocada, e assim se subam as paredes, formando uma estrutura de uma vez por todas, sólida. Quando ainda estava em época de realizar meu trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina, construí uma publicação em que investigava verdade/ficção. Ou, pelo menos, por muito tempo pensei que estava fazendo isto. Quando, certa vez,

percebi que aquilo que escrevia falava de fato sobre verdade/ficção, mas não apenas, não simplesmente. Eu escrevia sobre amor. Em 2020 Hoki afirma:

Eu acho que minha intenção era que as informações da minha dissertação tivessem rigor acadêmico, mas sem perder o frescor do assunto, a origem do desejo (porque eu sei que essa minha pesquisa começou há muito tempo, Luiza). Eu queria que as pessoas, principalmente as LGBTQs, as lésbicas, sapatonas, bissexuais...) lessem minha dissertação em voz alta para as amigas em uma mesa de bar, fizessem desse meu texto uma legenda no instagram, copiassem passagens nos diários e também citassem o que eu escrevi e traduzi em seus artigos, dissertações, teses, encontrassem aqui uma fonte confiável pras suas (nossas) pesquisas. (HOKI, 2020b, p. 3).

A dissertação “Tríbadades, safistas, sapatonas do mundo, uni-vos: investigações sobre a poética das lesbianidades”, de Hoki, nos coloca em um novo horizonte e poderia vir com um bilhete: Bem-vindo ao novo mundo! Ela constrói a biblioteca, faz os armários, junta todo o emaranhado de fios que estavam embolados por séculos, separa fio a fio e nos presenteia com a mais nova Bíblia lésbica, vou chamar assim e começar a andar debaixo do braço, você já ouviu a palavra de Hoki hoje? Me lembro de falar dela por pelo menos três estados, a pregação começou.

Em um texto de 1977, Adrienne Rich assume através do título de sua escrita: *The meaning of our love for women is what we have constantly to expand*. De forma similar, assim penso quanto ao falar sobre o amor pelas mulheres, a presença deste amor e as formas de nomeá-lo. Neste texto, a autora apresenta sua postura diante dos ataques contra a homossexualidade ocorridos no verão de 1977, nos Estados Unidos, entretanto, muitos dos movimentos que buscavam criticar tal posição ainda pertenciam a um certo "Orgulho Gay", fato que não agradou as lésbicas direcionando-as a realizar a *New York Lesbian Pride Rally*, também em 1977.

Já atualmente, mergulhadas nos anos de 2020, presenciamos o reconhecimento midiático de diversas identidades, o que transformou aquilo que se conhecia brevemente por "orgulho gay" diretamente em diversas siglas e movimentos. O que surpreende é que, mesmo diante de uma satisfatória presença das militâncias LGBTQIA+, a palavra lésbica continua como foi a nós apresentada por Cassandra Rios, marginal.

Em um primeiro momento apresento e desenvolvo a questão da palavra dentro da lesbianidade, cito a censura que permeia a verdade/ficção no livro *Eu sou uma lésbica* de Cassandra Rios (1980) que é mote para a construção de trabalhos

como *Velcro* e *Sapatão*, entre outros. Sendo ainda a censura um conceito operacional explorado em *Diversões públicas*, onde utilizo cópias de documentos sobre obras de Rios censuradas pelo Departamento da Polícia Federal na Divisão de Censura de Diversões Públicas. Ainda dentro de pesquisas lesbianas, investigo trabalhos de artistas como Cheyenne Luge e Catherine Opie, trazendo abordagens da arte lésbica e a aproximação teórica como documento. No capítulo final, associo a Revista Vogue ideal (1976), fanzine do artista Leonilson que se interliga ao meu trabalho, a revista Entendida, que centraliza as ideias deste mesmo capítulo. Discorro sobre a obra que foi elaborada de forma coletiva. E assim, por fim, contextualizo a ilha individual e coletiva que somos todas nós, trazendo com caráter investigativo o ser uma lésbica nesta ilha fictícia, também referenciada como a Ilha do Velcro<sup>2</sup>.

As perguntas que protagonizam esta pesquisa têm como problema central a relação da presença lésbica e a censura colocada. Quanto pesa a palavra nos estudos lesbianos? De que maneira o campo ficcional opera em relações de amor entre mulheres, seja em minha pesquisa como na pesquisa de outras artistas nessa temática?

## **CAPÍTULO I**

### **VETADO**

A palavra "veto" faz parte do que entendo dentro do imaginário lésbico. Existem práticas vetadas, afetos vetados, olhares, gestos. Coincidentemente, esta palavra também participa do inventário de termos que permeiam vida e obra de Cassandra Rios (São Paulo, 1932 - 2002), artista que investigo teórica e poeticamente<sup>3</sup>. De modo similar, em vivências lesbianas encontramos palavras como veto, impasse, homofobia e lesbofobia.

---

<sup>2</sup> "Colar o velcro", uma expressão popular que é utilizada para se referir ao ato sexual entre mulheres, desta forma o nome da ilha do velcro faz alusão à expressão.

<sup>3</sup> Neste sentido escrevi e publiquei, com Violeta Sutili, *Vivência Lesbiana em Cassandra Rios: Eu sou uma lésbica* (2020), Revista Apotheke v. 6 | n. 3 | p. 118-127 | dezembro de 2020, disponível em <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18938>

Num dado ponto da investigação, considerei censura uma destas palavras malditas que circundam o universo de minha temática e pesquisa artística. Como somos censuradas? De que forma? E ainda: quais as palavras utilizadas para nos censurar? Como viver e conviver com a invisibilidade lésbica? É este ambiente que solicito que tenham em mente ao adentrar a escrita. Quando tratamos do campo de estudos da lesbianidade em prol ao discurso lésbico, lida-se com certa reprimenda. Dos mais variados lugares, seja na cultura popular ou dentro da academia, por ser considerada vulgar, marginal, se encontrar fora da norma, menosprezar o falo, por ser mulher e lésbica, esta vivência é vetada de concessões.

Cassandra Rios é tida como a primeira autora lésbica a realizar publicações no Brasil, tida como uma escritora marginal, escrevia ficções com teor erótico e comumente foi alocada em um local de escrita marginal. Não obstante, foi a autora mais censurada durante a ditadura militar ocorrida entre 1964 e 1985. E não estaríamos nós em um novo quadro de censuras?

É na seara deste debate que a presente pesquisa vem sendo elaborada, tensionando o pensar sobre a palavra e o amor entre mulheres, o ser lésbica. Conjuntamente à pesquisa teórica em Cassandra, a prática guiou-se por pensar os usos e fomentações que causam a palavra lésbica e como estas se colocam em lugar de censura, até mesmo nos dias atuais. Assim, a censura aparece como conceito presente na construção do trabalho teórico-prático.

Investigando tais fontes dentro deste campo documental, a pesquisa prática desdobra-se como elemento ficcional em práticas de vídeo, performance e a palavra como imagem.

## **1.1 A palavra**

Por meio de conversas, me percebi muito fixada no gesto violento de um acontecido que envolvia o ato de uma tatuagem feita à força, como quando marcam o gado para contabilizar posses em fazendas e matadouros. Uma tatuagem feita num rapaz que era também um letreiro, não compreendo o que leva a tal gesto,



entretanto, uma marca como esta demonstra um significado a ser lido a quem interessar. Importante perceber que o uso das palavras tatuadas se colocava no sentido pejorativo: eram homofóbicas. O fato ocorreu em 2021, tratou-se de um estupro coletivo de um jovem gay de 22 anos, que foi tatuado à força, na capital no estado no qual resido, Santa Catarina. O crime afetou e afeta a nossa integridade enquanto comunidade, impossível não se colocar no lugar da vítima em diversos momentos, sofrendo um crime de ódio, de diferentes formas. Marcas de um país que não compreende onde nós estamos e nem de onde viemos, que retorna a dias de repressão, estimulado por um governo que abertamente flerta com o período ditatorial e veste-se de intolerância.

Chamar um homem homossexual de "viado", por exemplo, quando se é uma pessoa heterossexual atrelada a uma cultura normativa pode ser lido como uma ofensa. Diferentemente, se esta palavra é utilizada, hipoteticamente, de um homem homossexual para outro, pode não haver ofensa. É que de modo similar entre mulheres lésbicas, meu campo de estudo, não se considera ofensivo nomear outra pela palavra sapatão.

No livro *Visões da lesbianidade*<sup>4</sup>, Laura Bacellar divaga sobre os diversos termos e origens para se referir às mulheres lésbicas:

Veja por exemplo o termo "entendida". Ele tem a vantagem de ser brasileiro, criado por nossa cultura em lugar de traduzido de outra língua. Mas nasceu nos guetos das grandes cidades dos anos 70, quando ninguém ousava se definir abertamente e precisava de um código para se fazer "entender". Entendida em quê? Nos lugares recônditos onde as pessoas sem nome se reuniam, em secreta resistência à ditadura das idéias e dos costumes. É uma imagem de coragem – afinal, a ditadura existiu e perseguiu mesmo quem era diferente da norma – mas também lembra o subterfúgio, a preferência pelo esquivar-se a assumir uma identidade pública e natural.

Temos, claro, "sapatona", também abreviada para "sapa", usadíssimas. As mulheres aqui desse site adoram "sapinha", como você pode notar pelas fotos. Mas dificilmente se poderiam chamar esses termos de elegantes, não é mesmo? No aspecto clareza também deixam a desejar. Sapatonas somos todas ou só as franchas? As que gostam de salto alto e batom são o quê? E "homossexual"? Termo híbrido do grego e do latim, foi inventado pelo alemão Karoly Maria Kertnerby em carta a seu amigo Karl Heirich Ulrich, o pioneiro defensor dos "uranianos", em 1868...Você já reparou quantas vezes as pessoas dizem "homossexuais" pensando apenas em homens? E a quantidade de pesquisas sobre homossexualidade em que são estudados apenas homens? (BACELLAR, 2010, p. 194-195.)

Desta forma, a autora nos invoca a questionar o uso da palavra, esse

---

<sup>4</sup> Publicado originalmente pela editora Brejeira Malagueta, foi um projeto de um grupo de mulheres, tendo à frente Hanna Korich e Laura Bacellar, com início em agosto de 2008 e que durou até 2015.

tencionar entre a fala e suas significâncias. Pensando no uso da palavra, em junho de 2021 entramos no mês do Orgulho LGBTQIA+ e há alguns meses senti a vontade de fazer reverberar a vivência lesbiana. Ponto muito pertinente em meu contexto, com conversas e trabalhos acadêmicos, o propósito se deu de forma que a ideia se materializasse para fortalecer o cenário no qual fazemos parte e pouco vemos esse espaço ser ocupado neste mês. A ideia se iniciou na construção de uma calça feita de velcros, pensando nessa fricção entre dois corpos. Tendo as luvas de velcro poderíamos colar e descolar, dando inclusive certo aspecto divertido na execução do trabalho.

Entendendo que o governo atual flerta com a ditadura, em falas e divulgações por todas as redes sociais, deveríamos nós lésbicas fazer ponte com nossas antepassadas que sofreram e tiveram como última opção, em forma de sobrevivência, usar codinomes para se autodesignar? Isso seria lubrificar os sistemas de repressão cinquenta e sete anos depois de um regime autoritário. Não me refiro àquelas que não podem escolher entre se assumir ou viver, compreendendo as lésbicas que tem uma performance de gênero masculinizadas, que se esconder não é uma opção, as que vivem em periferias e se vivem por trás de palavras não ditas, digo isto em nome daquelas que têm o poder da escolha e mesmo assim apagam a história convergindo para o esquecimento. Conforme Bacellar:

Somos criadas ouvindo horrores sobre "viados" e "sapatonas", e levadas a crer que "lésbica" é um palavrão que não se diz em sociedade. Claro que ficamos então tímidas em nos descrevermos assim, sentindo mais que pensando na rejeição implícita de nossa família. Mas vamos utilizar agora a cabeça que a grande deusa nos deu e tentar abandonar o que não serve mais dos preconceitos de nosso passado. A palavra "lésbica" deriva do nome da ilha de Lesbos, onde a poeta Safo teve sua escola, a única de que se tem registro na Antiguidade voltada para a educação de moças. Safo foi elogiada por Platão como a décima musa, sendo tida como a inventora da poesia romântica. Descreveu com lirismo sua atração sensual por mulheres e conquistou respeito e admiração na sociedade extremamente machista da Grécia do século 5 a.C. [...] Digo-me lésbica com orgulho e você? (BACELLAR, 2010, p. 197).

Diante das centenas de palavras a se nomear uma mulher lésbica, abro aqui um segundo momento enumerando as demais palavras de meu conhecimento: Sapatão, Fancha, Sapa, Entendida, Butch/Bofinho, Do Bonde, Do Brejo, Dyke, Caminhão/Caminhoneira, Bolacha, Dykona, Hari, Preula, Tuxa, Sáfica, Racha, Cola-velcro, Safista, Fessureira, Tríbade, Shimba, Femme/Sapatilha/Lady

Girina/Sapateen, Butina, Lesbiana e tortillera.

Compreendo o atual cenário político, no qual a intolerância se mostra cada vez mais estruturada, bandeiras verde e amarela são hasteadas em janelas, carros, bancos, supermercados, camisetas, etc. Forneço aqui um espaço, breve momento de reflexão sobre determinada palavra demasiadamente usada nas redes sociais nos últimos anos, que é a palavra sáfica, distinguindo mulheres que se relacionam com mulheres, seria esta mais uma forma de esquivar-se? Polir a palavra lésbica ou sapatão, faço aqui então um repúdio a todas as formas de camuflar a história e peso que tomam estas palavras.

Hoki nos apresenta um pouco da história de Safo para compreendermos melhor a nossa trajetória até aqui:

Safo de Lesbos sobrevive — fantasmagórica, monumental, mítica. A ela rendem-se homenagens, conectam-se à sua estirpe as poetas, as artistas e as amantes em busca de uma tradição antiga de lesbianidade, em busca de seu espólio e sua autoridade. Sáficas, as filhas de Safo. Mesmo quando não se sabe dizer com certeza quem ela foi, não é incomum ouvir a explicação de que a palavra lésbica vem de Safo, de Lesbos: a primeira lésbica, a décima Musa, a maior de todos os poetas... Apesar de ter sido às vezes descrita como a décima Musa, Safo foi uma mulher mortal e não uma divindade. Tudo indica que viveu na principal cidade da Ilha de Lesbos, Mitilene, na Grécia, nas últimas décadas do século VII a.C. e primeiras décadas do século VI a.C. (HOKI, 2020b, p. 14).

Não desmerecendo a importância sáfica, mas acredito que nos encontramos em um momento de olhar para nossa história de uma forma definitiva, assim como quem cava um buraco, é necessário medir as instalações, ter variáveis, calcular rota, afinal levantar uma estrutura não é algo tão simples.

## **1.2. Velcro: como colou**

Lanço o olhar a algo ainda inalcançável de forma a tornar flexível o atual momento. Sensibilizada por tamanha violência, em pleno mês em que se celebrava a diversidade midiaticamente, junho, senti a necessidade de fazer ressoar o já citado crime dentro do convite feito pela Sala Edi Balod para mim e para a artista visual Violeta Sutili<sup>5</sup>. Em desacordo com tal gesto, optou-se por tatuar a palavra sapatão

---

<sup>5</sup> Mestranda em Artes Visuais na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Minter/UFRGS/UFAM), na área de concentração de Poéticas Visuais. Bacharela em Moda pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC, 2019.

em minha coxa, voluntariamente. Deste modo, lidamos com visibilidades possíveis para gestos que possuem para alguns de cunho pejorativos.

O mote para movimentar a produção desta obra foi, portanto, o convite de expor na Sala Edi Balod<sup>6</sup>, da Unesc, em Criciúma, SC, em 2021, dentro do projeto "Parece se tratar de arte", no qual havia doze artistas e coletivos integrando o projeto artístico-curatorial. A temática era livre, de acordo com o que cada artista desenvolvia. Deste modo, enviamos a proposta de luvas de velcro e demais materiais necessários para ser realizada pelas colaboradoras da Sala. Entendendo o contexto pandêmico que estávamos desde de março de 2020, a proposta era expor virtualmente, para que o público, mesmo de longe, pudesse interagir e acompanhar os trabalhos.

Foi construído um par de luvas revestidas com velcro. Usamos luvas em lã preta, que eram minhas, estavam na minha gaveta há anos. Optou-se pela escolha de um modelo de velcro que já vinha com cola no verso, assim o material iria aderir melhor na superfície da lã. Decidimos costurar o velcro da luva, garantindo, talvez, uma melhor resistência, e afinal, foi percebido que era um velcro forte. Foram feitos alguns testes de rigidez da luva antes do acionamento oficial na exposição, e foi percebido que a destruição da luva era um fator inevitável, então começamos a trabalhar na ideia de performance, a qual culminaria no fim da obra após o término da performance. Enviamos o par de luvas para a equipe de produção do evento com uma instrução: gostaríamos que duas mulheres vestissem as luvas (cada integrante com uma unidade) e então realizassem o ato de colar e descolar, proporcionando fricção e tensão até o seu ápice de atrito, que como testado chegaria em sua destruição.

Atuando como protagonista, a ideia de realizar a tatuagem conversa com a ideia deste ser figurante juntamente da figura de quem cria. Por este pensamento, nesta construção elabora-se um movimento de espelho: enquanto uma mulher lésbica tatua, outra mulher lésbica é tatuada. Há uma perda desta hierarquia sexual. Partimos em busca de uma tatuadora que pudesse realizar a performance no espaço expositivo. Entendendo que sairíamos de Florianópolis, seria uma viagem de

---

<sup>6</sup> Espaço de Exposições e Laboratório de Artes Visuais, vinculado aos Cursos de Graduação em Artes Visuais Bacharelado e Licenciatura da Universidade do Extremo Sul Catarinense – Unesc – Criciúma/SC.

três horas até Criciúma em um momento pandêmico, foi preciso alguns dias para articular a equipe, desta forma, quando nossa conhecida Alice Sima, jornalista, tatuadora e lésbica, compreendeu a ideia de que a tatuagem deveria ser efetuada por uma mulher lésbica, todas as brechas se completaram. E começamos a desenvolver o trabalho como um todo, para além do gesto do uso da palavra em si.

O estudo lesbiano, a partir da arte contemporânea, é o enfoque deste trabalho, possibilitando discutir e expor a temática na prática em conjunto com a teoria. A discussão da palavra lésbica e suas ramificações adentra esse trabalho de forma que se solidifique uma identidade, que compreende o peso histórico da palavra e suas conquistas diante da sociedade atual acadêmica. Neste caso, quando me refiro à palavra lésbica demonstro o conjunto de palavras que permeiam este universo, dentre estas o termo colar velcro.

### **1.3. Fricção sobre a pele**

A ideia do trabalho *Velcro* é construída por dois momentos, o trabalho performático do ato de tatuar que foi projetado no mesmo local no qual filmamos, na Sala Edi Balod, em sentido da metalinguagem com o próprio local. As imagens do vídeo *Sapatão, 2021*<sup>7</sup> revezam entre o foco da palavra sapatão sendo tatuada, e o grande plano da sala, em que se mostra a câmera, o ato e as expressões.

Conforme o trabalho foi se desenvolvendo, consolidamos a ideia como um todo, com a construção de duas luvas com palmas de velcro. A concepção da obra baseou-se em duas mulheres frente a frente, sendo que cada uma utilizaria uma das luvas e iria interagir com o material. Evidentemente, a performance jogava com a alusão ao sexo entre mulheres lésbicas e a popular expressão "colar velcro".

---

<sup>7</sup> Disponível em: <https://vimeo.com/563294821>



Figura 1. Registro da videoperformance *Sapatão*, 2021. Fotografia Digital.

Neste momento já tínhamos conciliado a ideia dos dois trabalhos, que mesmo que não tratassem do mesmo conceito, apresentavam vontades convergentes, o ato de repúdio sobre a homofobia e poder ser quem se é.

Lívia Auler escreveu o artigo "Mulheres que amam mulheres: uma investigação na história das artes visuais", a fim de indagar a produção de artistas mulheres que direcionaram sua obra para as questões da lesbianidade.

A mulher lésbica, mais especificamente no campo das artes visuais, pode ser considerada, portanto, duplamente invisível: primeiramente por ser mulher e, ainda, por se relacionar afetiva e sexualmente com outras mulheres. Ela não está conectada, de diversas formas, aos homens e, por isso, pode ser condenada a uma enorme marginalidade. Apesar disso, são muitas as mulheres que se relacionavam com outras mulheres e, mesmo com poucos registros, algumas delas deixaram rastros – alguns mais explícitos e outro menos – que atualmente podem ser revistos e reinterpretados. (AULER, 2018, p. 2-3).

O trabalho *Velcro* se coloca como um toque de afeto em meio a tanta brutalidade destilada dirigida ao público lésbico. A palavra *sapatão* converge com o som de velcro em sincronia com o toque das mãos. O ato de gravar a palavra *sapatão* na pele tem caráter de registro, o corpo se manifesta como documento a ser inserido na história lesbiana das artes visuais.



Figura 2. Registro da videoperformance *Sapatão*, 2021. Fotografia digital.



Figura 3. Registro da videoperformance *Sapatão*, 2021. Fotografia digital.



Figura 4. Registro da videoperformance *Sapatão*, 2021. Fotografia digital.



Figura 5. Registro da videoperformance *Sapatão*, 2021. Fotografia digital.





Figura 6. Registro da videoperformance *Sapatão*, 2021. Fotografia digital.



Figura 7. Registro da videoperformance *Sapatão*, 2021. Fotografia digital.

As luvas e o ato de marcar ou escrever convergem na fricção, que é um tipo de força que está presente quando duas superfícies entram em contato. Penso que esse espaço no qual se mesclam por instantes é resultante de uma simbiose de materiais, ou até mesmo na esfera ficcional dos sentimentos, atribuo aqui a intenção de dar sentimento às práticas de fricção nos demais trabalhos. A organização do

evento se estruturou em doze dias, de forma que era apresentada uma obra por dia. A plataforma no qual se divulgou e se expôs foi a rede social Instagram, onde o público poderia comentar, compartilhar, e até mesmo ver depois a performance que foi registrada ao vivo.

O primeiro plano desta exposição ou *live* se deu em uma segunda performance, neste caso ao vivo, realizada por colaboradoras da Sala, na qual as duas vestem as luvas e fazem gestos com as mãos em busca de maior fricção entre elas.

Depois dessa performance escrevi:

Penso na fricção,

na ficção,

e me enredo

nesse estar e não estar.

Foram longos anos aqui.

A gente fabricou as luvas, escolheu as linhas,

Lembro de esticar um pedaço de fio em cada mão,

tinha uma tensão forte, verifiquei ela muitas vezes.

Gosto dos detalhes, das curvas, mas eu gosto mais da durabilidade das coisas.

Eu não tinha medo, você sabe.

Você foi a primeira a entender que isso não daria mais certo.

Lembro de você analisar muito bem as profundidades e os raios.

O que aconteceu? Me perguntei tantas vezes.

A dança das mãos chegou ao fim, sem mais saídas depois da meia-noite para ver o mar.

A luva se destruiu bem na nossa frente.

Desfriccionou, assim como a ficção do caderno azul acabou junto com as páginas.<sup>8</sup>

---

<sup>8</sup> Poema intitulado *Fricções escritas*, que escrevi em 2022.

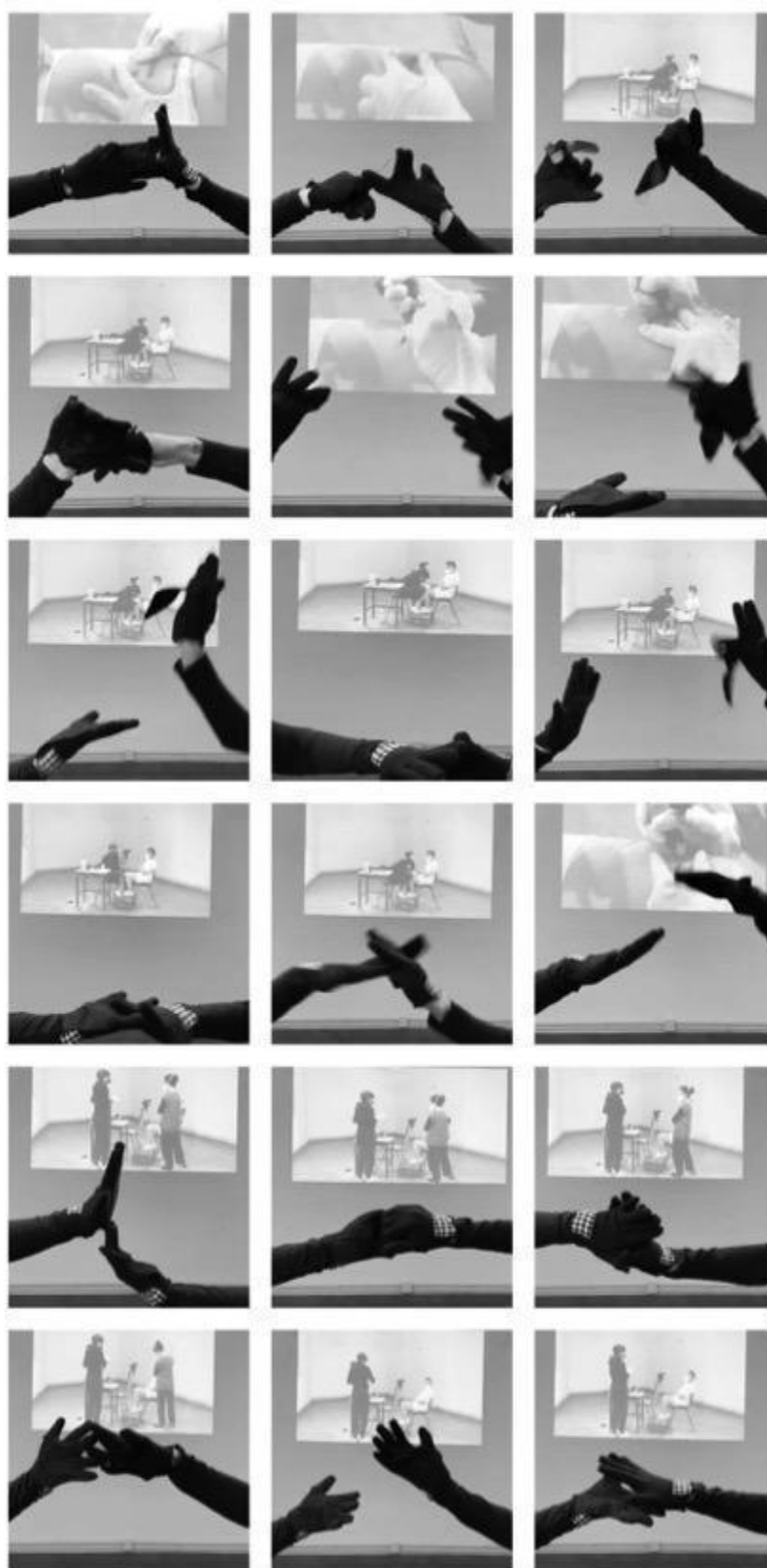


Figura 8. A dança das mãos, 2021. Fotografia digital.



Figura 9. Registro da obra *Velcro*, 2021. Frame do vídeo. Fonte: Instagram Sala Edi Balod. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CQJ5hDOHXXA/>

Tratar sobre fricções com a pele me remete ao trabalho de Catherine Opie, uma fotógrafa norte-americana contemporânea, conhecida tanto dentro como fora do círculo LGBT. Ela foi inicialmente conhecida pelas séries "Being and Owning" (1991) e "Portrait" (1993-1997), nas quais retratou lésbicas, gays e transgêneros em Los Angeles e San Francisco. Na série "Família", ela registra a situação dos casais de lésbicas em casa e no dia a dia. Conforme Guimarães:

Catherine Opie é uma fotógrafa contemporânea que ganhou destaque na década de 1990 com seus retratos das comunidades gays, queer e BDSM em Los Angeles e San Francisco. Opie se autoidentifica como não binária e passou grande parte de sua carreira documentando comunidades

undergrounds e subversivas. Utilizou convenções formais e extremamente estilizadas da fotografia de retrato para enquadrar assuntos e sujeitos não convencionais, incluindo ela mesma. Suas fotos variam de imagens de si mesma usando uma máscara de couro típica de ações BDSM com várias agulhas em seus braços, até cenas domésticas de casais lésbicos. (GUIMARÃES, 2021, p. 193).



Figura 10. Catherine Opie, Self portrait/Cutting, 1993. Fonte: Regen Projects, Los Angeles e Thomas Dane Gallery, London.

Opie, no ato de representar duas mulheres ressoa um "finalmente juntas", como em um final feliz de conto de fadas. O corte representa as cenas tranquilas da vida familiar lésbica em traços infantis, enquanto o tom gentil e convidativo do desenho é quase que afogado por seus próprios meios de produção, destruindo a interpretação da cena como uma imagem simples e livre de qualquer possibilidade

de vida familiar tradicional. O sangue escorre pela casa, pelo vestido, a pele está demasiadamente machucada, mas as mãos continuam atreladas e os olhares fixos entre elas, repletos de esperança, anseios e medos, evidenciando a vida de duas mulheres lésbicas. Renata Wroblewski descreve a obra *Self Portrait/ Cutting*:

Em um de seus autorretratos, *Self Portrait/Cutting* (1993) a artista aparece para a câmera mostrando em suas largas costas um desenho simplificado que remete à infância, no qual se vê duas mulheres juntas, uma casa, nuvem, sol e dois pássaros voando, grafados rasgando sua pele, de onde, em algumas partes deste, escorre sangue. Dar as costas para a câmera, além de romper com convenções históricas do retrato, evita fácil ambiguidade de gênero e secundariza o rosto na imagem, dando lugar à larga superfície de pele como tela, meio, e os cortes como inscrição, como gravado, como linguagem. (WROBLESKI, 2011, p. 87).

Ainda que não produza som, o trabalho de Catherine suscita a fricção posta sobre a pele, característica similar tanto da escarificação como da agulha que tatua a pele e o gesto do velcro que adere e descola da superfície. Ambos os trabalhos denotam movimento, constância causada pelo movimento do corpo ou no corpo. Movimento que possui ruído. O som do vídeo *Sapatão* advém da trilha sonora na qual incisivamente ouvimos o som de velcro sendo tensionado entre si, do começo ao fim da performance, momentos mais tranquilos e mais intensos, o abrir e fechar deste velcro que evidencia o atrito entre dois corpos, assim como a pele faz a elucidação direta, assim como a pele remete ao atrito anterior ao formar o desenho.



Figura 11. Ficção Vestível, 2021. Fotografia digital.

O movimento das mãos ao percorrer o corpo vai acompanhando o som do espaço, até que em seu auge de estrondo a luva se desfaz, espalhando o velcro e descolando-o de seu local inicial, dando fim à performance. O som causado pela fricção se alastra, é incômodo.

Em meio a estas práticas se buscou a ressignificação da palavra, abordagem pela qual podemos conciliar um diálogo com os trabalhos da artista visual lésbica Cheyenne Luge. A artista visual, natural de Quaraí, RS, graduada em Artes Visuais – Bacharelado em Desenho e Plástica, na Universidade Federal de Santa Maria, e que vive atualmente na Grande Florianópolis, durante seu mestrado no PPGAV/UDESC desenvolveu pesquisas com ênfase na xilogravura, livro de artista e questões de gênero.

Em sua obra, são suscitados vocativos comumente utilizados para se referir a mulheres lésbicas, um deste é sapatão, palavra explorada no último trabalho que aqui apresentei. Em seu livro de artista, por meio de xilogravuras, Luge grita palavras tidas como agressivas. Blanca et al. (2016) abraçam este impasse de forma aproximada, colocando questões acerca das provocações da artista:

“Sapata! Machorra! Ressignificando o insulto”, livro de artista composto por xilogravuras que se apropriam das palavras agressivas que identificam as lésbicas para transformá-las em afirmações de orgulho. Esta pesquisa põe em foco as questões de gênero, partindo da premissa de que o discurso legítima o sujeito (BUTLER, 2002) onde há uma domesticação de termos a fim de rotular aqueles que são aceitáveis e os que não se encaixam na heteronormatividade, frente a isso proponho uma subversão desta norma ressignificando os termos pejorativos que nomeiam aquelas que amam, desejam e são mulheres. (BLANCA et al., 2016, p. 94).

Luge entra em cheque com a domesticação do corpo lésbico, uma vez que apresenta em seu bojo conceitual a flexão da palavra. A partir desta linha, poderíamos nos questionar: quando o uso destes vocativos se torna xingamento? Quando são vocativos e quando são adjetivos? Ou substantivos propriamente? Camargo e Gomez nos apresentam uma breve associação da história da palavra sapatão:

No início do percurso, a denominação "sapatão" era associada a um perfil masculinizado e usado para a designação desse estereótipo de lésbica "macha", com apelo fortemente pejorativo. A mulher considerada "sapatão" usaria roupas consideradas masculinas; sapatos grandes, roupas largas e seria "menos feminina". Dessa forma, essa mesma associação permitiu a criação do termo "sapatilha", relacionando-o a lésbicas identificadas com perfil "mais feminino" e ao calçado reconhecido como integrante do vestuário feminino. Daí, mais adiante nesse cenário social e cultural, apreendemos que a expressão "sapatão" é usada informalmente para

nomear mulheres que têm interesse sexual/romântico por outras mulheres, de modo que as próprias integrantes desse grupo cultural se autodenominam "sapatões", sem carga negativa alguma, numa seleção lexical menos marcada. (CAMARGO; GOMEZ, 2020. p.3).



Figura 12. Cheyenne Luge, Sapata! Machorra! Ressignificando o insulto, 2014. Livro de artista, p. 13. Fonte: Na casa.<sup>9</sup>

Compreendendo a ressignificação das palavras abordadas por Camargo e Gomez, o trabalho de Luge de forma direta nos propõe esta possibilidade de visibilidade lésbica. Blanca et al. (2016) divaga sobre o trabalho da artista referente às provocações que seu trabalho proporciona.

Em um contexto de arte contemporânea, a artista visual Cheyenne Luge desenvolve pesquisas com ênfase na Xilogravura e Livro de Artista abordando temas ligados ao gênero, sexualidades e identidades. Ao trabalhar com o empoderamento de lésbicas através da apropriação de termos originalmente criados para excluir esses sujeitos, sugere alguns questionamentos como: o que é ser lésbica? Por que se autoafirmar? Como reagir à invisibilidade? (BLANCA, et al., 2016, p. 94).

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.nacasa.art.br/v2/sem-categoria/cheyenne-luge>>. Acesso 19 nov. de 2021.



Responder estas provocações demonstra uma problemática de pesquisa dentro do campo das ressignificações. Assim como em *Sapatão* ressignifica-se a palavra através do contexto, Luge propõe uma redefinição pela repetição, pelo cansaço visual. Sapatão, sapatona, sapatilha são termos que utilizados em um meio adequado possuem uma boa recepção, o que difere, além deste contexto, seria aquele ao qual se enuncia.



Figura 13. Cheyenne Luge, *Sapata! Machorra! Resignificando o insulto*, 2014. Livro de artista, p. 12.  
Fonte: Na casa.

#### 1.4. Abordagens lesbianas

Recentemente, o livro *Vivendo como uma lésbica*, de Cheryl Clarke, que foi

traduzido no Brasil trinta e cinco anos depois de seu lançamento, me causou forte impacto. Crítica feminista autodidata, além de ser uma poetisa lésbica, ensaísta, educadora e ativista da comunidade feminista negra, em seu livro nos apresenta os poemas escritos com tanta naturalidade que poderia criar uma voz contínua, na qual abre diálogo sem cessar até o fim. Os hábitos pessoais, poemas eróticos, eventos políticos, se misturam numa escrita da própria vivência lésbica. A sarcasticidade de Clarke dá ritmo à escrita e embala passo a passo suas "descrições". Ao final do livro sou surpreendida com dedicações sobre esses poemas, quase como uma correspondência endereçada. Isso me remeteu à obra *Os dedicados*<sup>10</sup> de José Leonilson, artista que me impacta e desassossega. Desta forma, depois de lê-la, desejo que esta dissertação configure uma homenagem às referências lesbianas que têm me inquietado e me provocado diálogos com as artes visuais.

E onde estão estas artistas? Nas Artes Visuais, durante todo meu percurso de formação, me sentia desestimulada a atuar como artista, por faltar referências e discursos que validassem essa vivência. Ao passar dos anos, com a ascensão do feminismo dentro da academia, virei meu olhar para aquelas que abriram diálogo e de alguma forma me envolveram para que eu sentisse possível existir num cenário artístico. Elas estavam, e foram forçadas, a ocupar as beiras. Tendo em vista este cenário, busquei me abastecer de referências que dialogassem com a minha ideia de lesbianidade, representatividade e política cotidiana. Seja em nível prático como teórico, é por autonomia própria que se preenche essa falta. Busco na escrita coloquial a ideia de lesbianidade e de fala que acate a representatividade faltante na academia.

A nós, artistas lésbicas, resta essa pergunta essencial de como representar a lesbianidade. Como se desvencilhar, enquanto artistas que produzem imagens, de uma história das representações patriarcal/racista/heteronormativa e também homo-nacionalista? Essa pergunta só poderá ser respondida por meio de nossas vozes e traços singulares, porém e de alguma maneira, em conjunto. Se a lesbianidade deve ser tratada como questão política, então, sem dúvida, também deve ser tratada enquanto questão estética, de criação artística, em sua complexidade e autonomia. (HOKI, 2020a, p. 144).

A presença da lesbianidade na criação artística é requerida por Hoki, para

---

<sup>10</sup> A série nomeada como *Os dedicados*, 1991, é concebida em treze trabalhos. Um ato de abrir o foro íntimo de uma forma pública. Os receptores destes trabalhos são, em cada um, nomeados e evidenciados.

quem esta possui importância, uma vez que as produções aqui discutidas acerca da lesbianidade tiram o protagonismo da voz hegemônica. Abrem lugares e aspectos que são de importância para entendimento da criação lésbica e vivência como um todo desse indivíduo que se atravessa em sua obra. A resposta para a representação de uma identidade lésbica, que vai compreender raça, gênero e classe. Buscando não marginalizar mais uma vez essas vozes que resistiram até hoje, abro este estudo como uma brecha, acredito que estas obras são documentos fragmentados. Sendo assim, juntá-los seria de alguma forma compreender a história como ela corre. Conforme ressaltai em meu trabalho de conclusão:

A memória depende de um sujeito para ativá-la. O arquivo são as “coisas” materiais, não são a memória e sim o que fica. O arquivo é peso morto se ele não for acessado, já o tecido se pensarmos na materialidade por si só é apenas passado bruto. Memória é pegar esses conteúdos e arremessar a parte visível dessa malha de tempo, no fio da existência presente. Ela ultrapassa a dimensão do documento. (PESSOA, 2020b, p. 22)

Neste momento, me coloco com a intenção de sujeito ativador desses trabalhos muitas vezes apagados pela história e outros nem tanto. A ideia desta produção é criar um caminho, oferecendo este lugar de diálogo, entre si e com o outro o tempo aqui é exposto como uma "malha", onde a história vai se resguardar. Pensando na estrutura da malha com variadas camadas, curvas, alinhavos, podemos visualizar o entranhamento da memória, se fazendo assim o esquecimento. Espalhar ou arremessar esses arquivos na superfície desta malha é o que a torna visível, quase que palpável, onde sou possível de ser lida e interpretada.

A intenção aqui é indicar aqui algumas abordagens lesbianas, resumidas, mas de primordial importância para este escrito, como exemplo a vida/obra da fotógrafa sul-africana Zanele Muholi, que produziu um arquivo enorme sobre mulheres negras lésbicas e transgêneros, nomeado *Faces e fases* (2006). A artista registrou essas pessoas. Sobre esta série, a escritora Law-viljoen escreve que "O impacto estético, moral e emocional desses memoriais se baseia na reunião de imagens, nomes ou objetos num mesmo *memento mori* de caráter monumental." (LAW-VILJONE, 2018. p.1). Deste modo, essas obras são uma forma de documentar essas vivências, entendendo-as como documentos que contam uma história e relatam a sua vivência. Em seu percurso, destacamos uma censura de documento, que foi o roubo dos seus *HDs* externos, nos quais ela resguardava a maioria de suas

obras até então.

Declarou Zanele Muholi em entrevista para a Human Rights Watch<sup>11</sup>:

"É o meu desejo poder encontrar ícones lésbicos positivos no Wikipedia ao invés de encontrar estes assassinatos brutais. Não há nada que seja focado em relações homoafetivas versus crimes de ódio. Quando começamos a falar sobre intimidade? Eu produzo fotografias que são íntimas porque eu sou uma pessoa dada à intimidade." (MUHOLI, 2013).

Desta forma, Muholi nos mostra uma nova identidade lésbica, possibilitando uma referenciação do seu olhar, principalmente às novas jovens sul-africanas. Possibilita um espaço para discussões de gênero, classe, sexualidade e raça, com um novo olhar para obras de mulheres lésbicas para mulheres lésbicas e encontra um novo caminho para se discutir a vivência.

É pensando neste limiar entre a representação de vivências e identidades pelo amplo aspecto da sexualidade feminina que vamos ao encontro de presenças no cenário brasileiro em que se desenhava similar intuito. Ainda que lidando com diferentes temáticas no discurso, a autora Cassandra Rios apresenta em nosso contexto abordagens iniciais quanto a uma perspectiva lesbiana.

Quando iniciamos a falar sobre a intimidade destas mulheres no Brasil? É uma questão que pode vir a ser respondida a partir do mergulho nos estudos e escritos acerca de Cassandra, primeira autora debruçada sobre estas temáticas ainda em um tempo em que *a palavra* possuía diferente peso e entonação do que a forma como a conhecemos atualmente. Certamente, a palavra que aqui me refiro é esta que por muitas vezes torna-se de difícil reprodução, obtendo diversos derivados. Sapatão, fancha, machuda: lésbica.

## CAPÍTULO II

### VERDADE OU FRICÇÃO

#### 2.1 Censura

Múltiplas interpretações nos levam a compreender que Rios simboliza em seus personagens sua vida pessoal e seus desejos, o mundo irreal no qual sua vida

---

<sup>11</sup> Entrevista completa no link: <https://www.youtube.com/watch?v=9aiufq04dp0&t=119s>

lesbiana e a de seus pares eram legitimados.

Compreendo que, quando estudamos Cassandra Rios, a censura vai além daquela imposta por uma ditadura em sua época, seria deveras inocente assumi-lo, pois sabemos que a censura colocada diante da sexualidade feminina é anterior às ditaduras militares, e percebida no limiar do regime heterossexual.

Em 2020, com Sutili escrevi:

Em um dos romances mais recentes da autora, "Eu sou uma lésbica" de 1980, vem a discutir a lesbianidade tramando insurgências com a vida pessoal da própria autora que se identificava como uma. Objetiva-se analisar esta autora que discute um tema que ainda é importante para a afirmação da comunidade LGBTQI+ não apenas na literatura brasileira, como também interessante para as artes visuais. Este romance é apresentado diferentemente de outros romances anteriores de Cassandra por expor um desejo sexual marginal como elemento que, para ela, é natural, consciente e admirável, não cairá na tragédia, ao mesmo tempo que desenvolve uma protagonista complexa e se afirma constantemente: Eu sou uma lésbica.

As circunstâncias políticas de "Eu sou lésbica" (1980), marca uma das principais diferenças dos demais romances, pois data momento em que o Brasil começava a se redemocratizar (SUTILI; PESSOA, 2020, p. 120-121).

Desta forma compreende-se que a ambientação política de "Eu sou lésbica" (1980) marca uma das principais diferenças em relação aos demais romances, pois remonta ao momento em que o Brasil começava a se redemocratizar. A instauração de um regime militar de direita no Brasil, em abril de 1964, foi um momento marcado por intensa repressão. Dessa forma:

Em virtude do atual cenário político brasileiro, a ponte de relações políticas se correspondem de forma orgânica, entendendo assim, que é imprescindível considerar sua escrita e vontade literária contemporânea e necessária. Múltiplas interpretações nos levam a compreender que Rios simboliza em seus personagens sua vida pessoal e seus desejos, o mundo irreal no qual sua vida lesbiana e a de seus pares eram legitimados (SUTILI; PESSOA, 2020, p. 120).

Assim, Cassandra toma um lugar de reverberação de tempos de censura, no qual a palavra lésbica retoma em outro contexto de tempos atuais, mas ramificado pela história.

## 2.2 Diversões públicas

O propósito neste trabalho mostra-se como um encontro de vida como de obra. Ao invocar Cassandra, o panorama indica a esta materialidade uma possibilidade de ocupar este legado. A expectativa na produção própria apresentada foge da finalidade de Cassandra, o enredo não se torna real, ele apenas é. Falar da realidade lesbiana é de tom político e afirmativo, seria o modo de me colocar na sociedade.

Ao escrever sobre a realidade homossexual, Rios mudava o trajeto já conhecido, suas histórias não eram trágicas ou caricaturizadas, pelo contrário, visava a não estereotipação desta narrativa. Cassandra, entendendo este espaço, divaga:

Eu também de igual modo quero, como uma figura que ocupa um lugar, reconhecido ou não, nas artes, reduzir a velocidade, deixar o carro na garagem, ou melhor dizendo, escrever para a época e o resto para depois – digo o resto para depois porque não posso mentir em relação ao julgamento que faço sobre minhas obras, embora aceite a proibição de Hoje conto com a liberação Amanhã, num futuro bem próximo, quando eu puder ser melhor interpretada e as novas gerações estejam preparadas para lerem-me por não assimilarem o negativismo dos outros ou pelo impulso de atacar o desconhecido prevenidos pela possibilidade de um mal – porque não escrevo para perturbar ou corromper, simplesmente a vida é que é às vezes muito feia. (RIOS, 1977, p. 55-56).

Me emociona o desejo de Cassandra de deixar o carro na garagem, sossegar, sem que haja tantas interferências (literalmente) políticas em seu trabalho. Fui ao encontro dos documentos de censura das obras de Cassandra Rios, tanto dos livros como das letras de música que ela compunha. Por meio da apropriação de documentos e da justaposição de relatos poéticos que autobiografam a trajetória da autora, busquei forjar ao trabalho um local de correspondências diante do afeto de Cassandra Rios, seu cenário e o nosso, e estabelecer vínculos entre o afeto lésbico no cenário artístico. Seus documentos de censura me desassossegam, uma vez que neles são praticamente eschachados os comportamentos lesbofóbicos de seu momento.

Em meu trabalho *Atropelo*<sup>12</sup> que faz parte da publicação Truth/Fiction: A correspondência de si<sup>13</sup>, escrevi:

Não deveria ser sobre tempo e não é,  
é sobre amor.  
E ela me atropelou, na verdade, você naquele dia na tua casa,  
foi como receber uma encomenda inesperada e eu abri.  
Algo em torno de quatro meses e onze dias,  
nunca me dei bem com números ou letras, nem tecnologia,  
muito menos com pessoas,  
mas eu gosto de te ver vivendo e sendo. (PESSOA, 2020b, p. 5)

A interpretação em palavras conclui-se, deste modo, em palavras escritas durante um período curto e fictício. O ano de escrita desta publicação foi 2018, e quis exemplificar o passar dela sobre mim, não haveria palavras o suficiente para descrever tal acontecimento.

Foi durante o intervalo de um almoço de trabalho no Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), local onde nesta época trabalhei na área de conservação e restauração, que realizei este trabalho. Eram comuns as caminhadas pelo museu para garantir a temperatura do ambiente. Necessitei de três elementos para produzir a obra, os meus pneus do carro, nanquim e um pincel. Após passar a tinta sobre os pneus e alinhar os papéis no meio do estacionamento ao ar livre, a protagonista dos meus escritos apareceu rapidamente em duas passadas com os pneus pelo papel ao chão, a gravura da fricção dos pneus. As texturas de areia se juntaram àquela tinta ainda fresca, novidade misturada com o indizível.

Logo após esta gravação, corri para máquina de escrever que havia no MASC, "Escreva o que quiser", um cartaz anunciava logo acima da máquina e foi ali, no período de meia hora escrevi tudo que passava em algum lugar de mim, nunca entendi meu sentimento destemido. Era turvo, cheio de incertezas, não gostava de quem ela era, e sim do que ela poderia se tornar diante de mim.

Voltei a executar estampas com pneus três anos depois. Em um contexto voltado ao texto de Rios, a prática se torna linguagem direta aos seus escritos.

---

<sup>12</sup> Mesmo em contextos distintos, gostaria de destacar a visualidade que remete a obra à *Automobile Tire Print* de Rauschenberg e John Cage de 1953.

<sup>13</sup> Truth/Fiction: Correspondência de si, trabalho publicado em 2020, originalmente foi formulado para o trabalho de conclusão de curso em 2018.



Figura 15. Atropelo. 2018. 14,8x21cm.



Em *Diversões Públicas*, 2021,<sup>14</sup> recolhi os arquivos em formato .pdf destes documentos, imprimi e ordenei no chão da rua, em linha reta. Com os documentos afixados ao chão, pintei o pneu de meu carro com nanquim preto, dessa forma ele funcionava como uma espécie de carimbo/tipo, quando decidi passar por cima das impressões. O pneu do carro rodava sobre os documentos, marcando-os. Soava, para mim, como se Cassandra pudesse finalmente ter tirado o carro da garagem.

Com a ajuda de uma câmera digital registrei esses momentos em que se marcava o chão, bem como os papéis antes e depois do ocorrido. Pensando na edição do vídeo, optei por colocar um áudio em que se falava a citação de Cassandra que tanto me desassossejou: "Eu também de igual modo quero, [...] reduzir a velocidade, deixar o carro na garagem" (Rios, 1977, p. 55-56). Busquei que a sonoridade da voz falada evocasse, talvez, a voz de Cassandra como se ela ainda estivesse viva, por esta razão pedi à minha mãe que citasse tal passagem.

Durante a edição permeou-se aspectos em preto e branco, pequenos cortes e inúmeras mudanças de tamanho de frame. Algo como uma imagem inconstante, mas que apresenta-se de forma serena, fazendo me recordar das palavras de Cassandra:

---

<sup>14</sup> Disponível em: <https://vimeo.com/559747490>

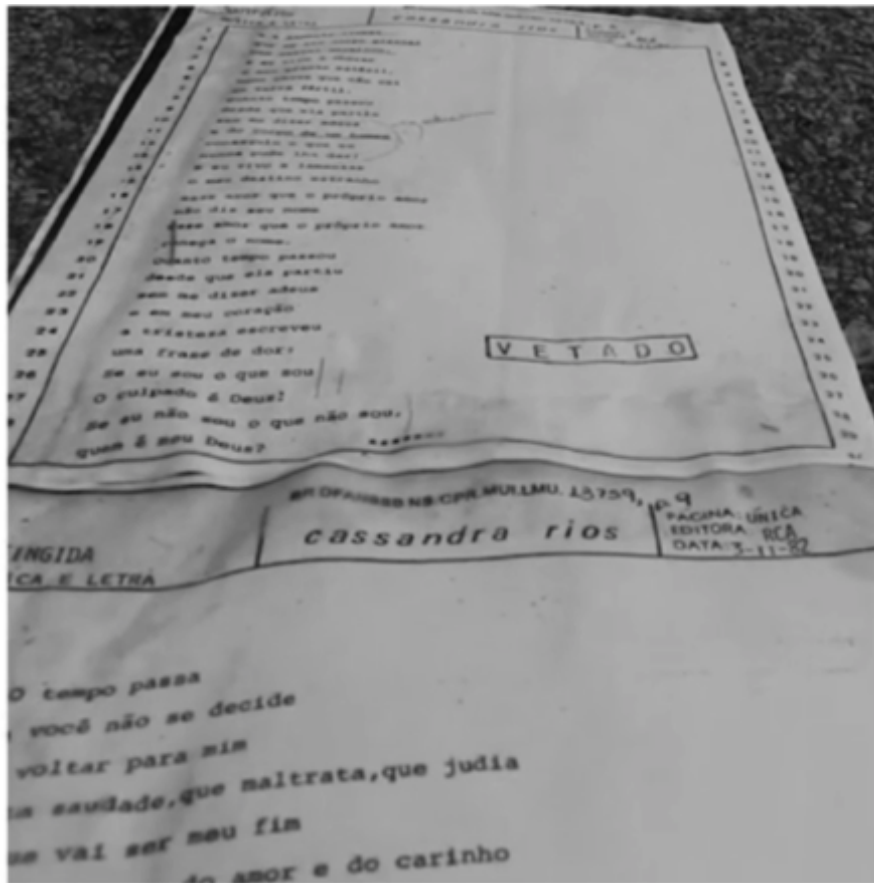


Figura 16. Registro do vídeo Diversões Públicas, 2021. Frame.



Figura 17. Registro do vídeo Diversões Públicas, 2021. Frame.



Figura 18. Registro do vídeo Diversões Públicas, 2021. Frame.



Figura 19. Registro do vídeo Diversões Públicas, 2021. Frame.

## Capítulo III - ILHA DO VELCRO

### 3.1 Arquivo de fricção

Tenho mania de reunir as coisas fisicamente, separar por objetos, por exemplo tenho uma pilha enorme de borracha em um único estojo, gosto muito de reunir minhas amigas no mesmo espaço. Pensando na coleção não física, recolho os acontecimentos na minha cabeça, como se fosse um grande arquivo que revisito de vez em quando. Em 2020 escrevi um texto intitulado *Faca na manteiga*, no qual vou tencionar a ideia de arquivo com a simbologia da caixa:

A caixa é suporte para variados sentimentos, o que me fez refletir sobre a Vivian Maier, uma fotógrafa, por melhor dizer uma caçadora de momentos seus. Em uma foto existe um menino subindo em uma moldura de quadro para poder enxergar dentro de uma caixa, no meio de uma rua vazia e só podemos saber deste acontecimento por conta dos negativos de Vivian, que por sinal foram revelados pela mesma. Centenas de momentos congelados no fio da existência e engavetados por anos. Ela nunca mais pôde voltar lá. Um dia uma pessoa resolveu revelar suas fotos, após a sua morte, fico pensando quantos momentos se perpetuaram nesta ação? Queria poder fotografar todos os meus momentos, seria uma tarefa incansavelmente impossível. Corro um sério risco, isto é um pedido de ajuda e acho que Vivian não poderá me ajudar. Não lembrarei das nossas idas ao bar, quando você sentou à minha frente e falou sobre planos que provavelmente agora não vá me lembrar. Ainda me lembro todas as vezes que me olhou, olhares que lançaram um motivo, do qual provavelmente não vou poder mais descrever. Todos os momentos estão se autodestruindo na minha mente, dia após dia. Me sinto presa nesse corpo corrupto de pensamentos, com sentimentos confusos por falta de provas. Eu devia começar a anotar? A obra que fiz anunciava "Cuidado Frágil", eu menti para você, na verdade estamos lidando com o Descuidado. Aquele menino da fotografia de Vivian poderia olhar para seu futuro ou suas memórias. Nunca saberei ao certo, mas foi desta forma que me coloquei ali. Armei uma arapuca muito bem armada logo à minha frente. Quando era pequena existia uma lenda na minha casa na qual todas as coisas que sumiam ficavam no meu baú, que é esta forma de caixa. Talvez todos estes momentos estejam lá me esperando, entre meias de um só par, isqueiros, roupas, pilhas, retratos, dinheiro, brincos e tudo que nunca mais retornará à existência presente. E quem sabe um dia posso cantar com todas as letras 'Hoje foi o dia em que abri as caixas e chorei, de saudades de minha infância e das coisas que lá deixei... diga que é easy, my girl'.<sup>15</sup> Eu não voltei dos anéis de Saturno, na verdade eu gostaria, mas perdi os bilhetes. (PESSOA, et al. 2020a, p. 85-86).

Ao longo desta escrita, compreendendo que ela se desenvolveu em anos e não em meses, nossos olhares mudam, esticam, quicam, e existe esse vai-e-vem,

---

<sup>15</sup> Trecho referente à música *Easy Blue* da banda La leuca, banda criada na cidade de Florianópolis formada apenas por mulheres lésbicas/bi.

senti falta daquilo que não me foi ofertado, cadê a graça? Eu quero rir, quero fazer piada, quero me divertir na mesa de um bar contando causos lésbicos, e por mais que seja importante militar diariamente, quero me despir dessa camada e simplesmente viver como uma lésbica, o que é viver como uma lésbica? Me perguntei isso diversas vezes lendo Cheryl Clarke. Existem obviamente muitas vidas, e tipos de mulheres lésbicas, com o esticar da malha de existência me permito pensar no que eu quero, e hoje eu só queria abrir uma Revista "Capricho" sapatão e descobrir as possibilidades fictícias o que o horóscopo de Áries do mês de dezembro me proporcionará.

Minha relação fictícia ou não com Leonilson começou em meados de 2012, em uma aula de processos gráficos com a professora Juliana Crispe, onde ela dispôs seu acervo de publicações e livros sobre uma mesa de vidro, e havia um livro laranja que me deslumbrou, como um golpe, e na capa apenas com um vulcão tímido à primeira vista. Abri e ele se despiu dizendo: Use, é lindo, eu garanto. A encomenda tinha chegado, a quem não esperava receber conselhos numa terça-feira à noite. Não sou boa de memória, mas senti como se fosse um: lembra de mim?

Dois anos após esse encontro a encomenda havia sido planejada, o destino seria para casa dos meus pais onde esperava o livro, que agora seria meu, dia 18 de abril de 2014, novamente outro golpe ao desembulhar a embalagem parda, Léo agora faria parte da minha vida, e pertenceria à minha gaveta. Passei dias colecionando seus desenhos, interpretando seus signos, tentando entender quem ele foi trocando baixinho algumas histórias.

O meu perigo também existia detrás de um óculos e um par de jeans, digo esta frase referente à obra *Jogos Perigosos, 1990*, de Leonilson, onde duas figuras, de duas pessoas, estão conectadas por uma ponte, embaixo da ponte tem um rio e um texto descrito em sua letra:

“Esses jogos perigosos não são guerra  
nem estão no mar ou no espaço  
mas por detrás de óculos  
e um par de jeans”.

No mesmo ano, no dia 9 de outubro, em Curitiba, lugar frio e nada acolhedor, vestia dúvidas, entrei no MON sem pretensão de encontrar amigos ou conhecidos. Ele tava lá me esperando, com a obra “O penélope, o recruta, o aranha” (1992). Era um bordado tão cru, palavras tão verdadeiras, que continham as palavras: “cheio e vazio...crer ou ter, você ou eu”, naquele momento, não existia mais museu, nem outras obras ou algum grupo observando a exposição, era apenas eu e meu amigo trocando confidências. O primeiro olho no olho, lembro que cheguei bem perto do tecido que estava recoberto por um vidro para poder ter certeza do material, nem ao menos sabia de quem era a obra. De novo, a cor me chamou a atenção, fui ler a etiqueta e tudo fez sentido, era ele mais uma vez. Fiquei minutos parada ali olhando cada detalhe, ponto.

Era fácil me relacionar com os traços desajeitados e as palavras que para mim sempre formaram um único texto. E entendendo Leonilson conseguir chegar onde não sabia que queria estar, em mim. Leonilson é um amigo que não tive, mas ao mesmo tempo que tenho a todo momento. Ele parece que sempre esteve aqui.

No ano de 2020 iniciou-se a retrospectiva “Leonilson: Drawn 1975–1993”, a curadoria é de Krist Gruijthuijsen, diretor do KW Institute for Contemporary Art, com 250 obras, foi uma das maiores mostras já realizadas, e a primeira individual itinerante do artista José Leonilson (1957 – 1993) na Europa.

Esta exposição apresenta algumas peças inéditas nunca expostas, como variadas páginas da revista Vogue Ideal, que foi publicada no Catálogo Raisoné no ano de 2017, com apenas algumas imagens sobre a revista. No interior da revista temos algumas representações importantes, como pessoa queer, prostituta, criança, andróginas, e todos os desenhos destas pessoas vinham com algumas características pessoais, como nome de guerra, livro preferido, hobby e etc.

Vogue Ideal (1976), foi desenvolvida artesanalmente, sem natureza comercial, com dois exemplares, na própria capa Leonilson descreve: “Ano I, Nº2 | (O Nº1 foi roubado) | Pode ser que o número 1 foi roubado, foi um lapso. Pelo menos eu nunca fui presa por ser trombadinha. Um beijão da tainha 29/10/76”. Constitui-se por trinta páginas divididas por seções entre entrevistas, publicidade inventada, análise de figurinos, cabelo, maquiagem, moda noturna, moda homem, com alguns depoimentos de seus amigos e familiares.

Ponto também destacável nessas revistas é a utilização do humor e da ironia para constituição da narrativa, assim como o interesse por moda, evidente na *Vogue Ideal*. No processo inicial por uma definição estética, Leonilson pesquisou diversos elementos, que povoaram insistentemente a visualidade desse período em repetitivos estudos e desenhos, geralmente a lápis de cor. Nesse campo da imagem, sobressaem inúmeras plantas arquitetônicas, fachadas de casas e padronagens, são diversos os cadernos datados do final da década de 1970 que contêm esses exercícios. Desses elementos que compõem a sua visualidade nesta época, pode também destacar exercícios que remetem à estética dos quadrinhos e do cartum, assim como nas Revistas *Zé* e *Vogue Ideal*, há uma influência direta dos quadrinhos em alguns desenhos. (CASSUNDÉ, 2011, p. 25).

Na Fanzine *Vogue Ideal*, o primeiro aspecto expresso por imagens é a mulher preta desenhada na capa da revista *Vogue*, o que de fato só aconteceu em julho de 2008, pela estrela americana Naomi Campbell, que foi a primeira negra modelo a estampar a capa da revista, 32 anos depois. A capa nos traz as modelos clássicas da revista, as figuras das modelos estão concentradas nela, e nela está escrito o nome "Vogue", e a letra O no interior descreve "Ideal". Por se tratar de um trabalho em papel, podemos notar alguns pequenos rasgos, vincos, amarelecimento natural do papel devido à oxidação ao longo do tempo e sujidades, mas o conteúdo está preservado e legível.

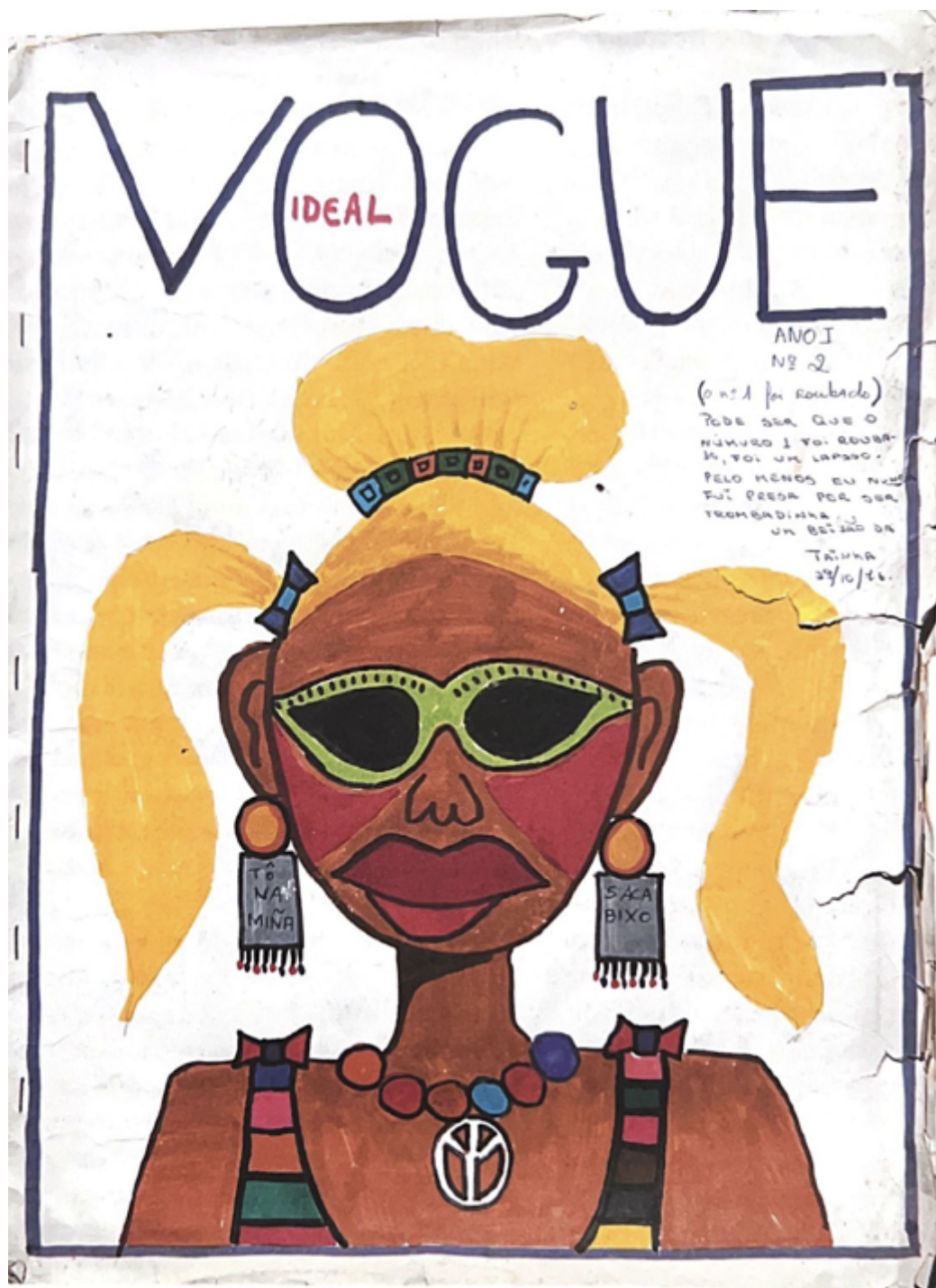


Figura 20. Revista Vogue Ideal, 1976. Fonte: Leonilson: *Drawn 1975-1993*. Berlin: Hatje Cantz; Berlin: KW Institute for Contemporary Art, 2020, p. 26. Fanzine, 34x25 cm.

Na obra de Leonilson inicia-se uma nova discussão teórica. Pensar no interesse dos artistas contemporâneos em inserir seus próprios corpos em obras de arte é facilitar o diálogo entre as obras (ficcionalis – pensando nessa fronteira entre ficcional e “realidade”). Essa linha na obra do artista possui múltiplos potenciais



interpretativos, tanto como uma história ficcional quanto autobiográfica, onde as linguagens se misturam e se complementam sem hierarquia.

É, em primeiro lugar, para si que se escreve um diário: somos nossos próprios destinatários no futuro. Quero poder, amanhã, dentro de um mês ou 20 anos, reencontrar os elementos de meu passado: os que anotei e os que associei a eles em minha memória (de tal forma que ninguém poderá ler meu diário como eu). Terei um rastro atrás de mim, legível, como um navio cujo trajeto foi registrado no livro de bordo. Escaparei desse modo às fantasias, às reconstruções da memória. (LEJEUNE, 2014, p. 302).

Na contracapa do fanzine, Leonilson dispara um breve texto que muda todo o teor da revista, com uma abordagem simplista e intimista brinca com o caráter epistolar, mais uma vez avista-se a garrafa lançada ao mar. Acatamos essa fala como um ferrão muito bem posicionado, para aqueles que interpretam o contexto da política atual, que obtém-se um discurso extremamente preconceituoso e discriminatório:

Eu dedico esta revista a todos os que conseguem enxergar um pouco mais à frente de alguns preconceitos bestas, a todos os amantes da improvisação, alegria, joie de vivre, e peço desculpas a quem não agradei, mas para estes eu digo que a vida foi feita para ser vivida, sem essa de dizer: credo! Você foi lá? Viva quem sabe viver, e é por isso que eu estou vivo! Eu aprendi a gostar de quem gosta de mim.

Na página número 1 temos o desenho intitulado de Neuza. Contemplamos mais uma vez um corpo não branco e evidentemente gordo, sinalizando mais uma vez a quebra de padrão vista na revista de sua época. Com o corpo coberto de cicatrizes, tatuagens, como uma âncora e dois pequenos símbolos destacados sobre as coxas, vemos o espelho de Vênus na perna esquerda e o escudo de Marte na perna direita, podemos interpretar mais uma vez a representação da figura andrógina nesta ilustração, mesmo que descrita com um nome feminino.

Na imagem presenciamos algumas descrições da figura na parte superior: “Nome - Neuza Crispina Dá Cú-nha | Nome de guerra - Kitty | Hobby - Fornecer | Livro - Anal sex | Profissão - Meretriz | Idade - 69 anos | Filme - Histoire d'O.



Figura 21. Neuzinha 1976. Fonte: Leonilson: *Drawn 1975-1993*. Berlin: Hatje Cantz; Berlin: KW Institute for Contemporary Art, 2020, p. 27. Fanzine, 29.7x21.5 cm.

Leonilson se assumiu gay durante uma época em que o ódio e o preconceito dominavam o cenário mundial, em suas obras não poupou esforços, imagens nem palavras para mostrar-se como um ser humano que gostaria de viver em um mundo no qual se sentisse livre. A Vogue ideal exprime o que suas obras repercutiram ao passar dos anos, o amor e a liberdade de expressão, que por algumas páginas a ficção pode se tornar verdade.

Desta forma, iniciei a ideia da minha própria revista, voltada ao mundo lésbico. A primeira situação que me ocorreu foi: que nome ela vai ter? Pensei então na revista *teen* Atrevida, o que me levou ao nome Entendida, queria falar sobre mim e sobre o meu contexto.

ED. ESPECIAL ILHA DO VELCRO N.1 / 2022

# entendida



Figura 22. Capa da Revista Entendida. 2022. Ilustração digital. 29.7x21.5 cm.



Figura 23. Entendida. 2022. Revista, 29.7x21.5 cm.

A ideia inicial foi construir uma versão pocket de uma revista, algo entre dez a quinze páginas, que falasse desta Ilha do Velcro de alguma forma, um jeito fictício de chamar Florianópolis. A partir desse momento a ideia da Revista Entendida Ed. Ilha do Velcro<sup>16</sup> começava a se concretizar.

Pensei por alguns dias e eu não poderia fazer essa construção sozinha, a minha rede de amigas e de conhecidas poderia falar um pouco desse nosso contexto, e foi assim que se deu a ideia, fui pedindo para minhas amigas me enviarem por áudio ou escrito duas perguntinhas: "Descreva como é uma mulher lésbica da sua região aqui da Grande Florianópolis na sua visão, compreendendo o recorte da sua existência e vivência, incluindo personalidade, gostos, identifique esta representação. De uma forma ampla tente fazer essa persona. Ex: Uma mulher lésbica da minha região se veste de (x) forma, tem (y) personalidade, gosta de ir a (x) lugares, etc." E outra pergunta era: "Todo mundo gosta de fofoca, certo? Compreendendo a relação de duas mulheres e o universo lésbico, você poderia

---

<sup>16</sup> Disponível para acesso em: <https://issuu.com/leilapessoabechtold/docs/revista4>

contar um *causo* real envolvendo duas mulheres que passaram aqui pela ilha? Pode ser uma história pessoal ou que você ouviu falar."<sup>17</sup>

Queria mostrar para as pessoas o que era o núcleo das lésbicas da Grande Florianópolis, ou pelo menos de uma parte desse emaranhado todo, as fofocas, os lugares, e principalmente contar onde foi o início disso, pelo menos para mim, e foi sentada no banco do Bob's da Trajano treze anos atrás.

Nesse sentido escrevi:

Todas as sextas<sup>18</sup>,

era o mesmo trajeto,

lembro de pegar o 43402 e ir em busca de algo.

Eu não sabia exatamente o que era, mas lembro da sensação,

minha barriga borbulhava subindo o calçadão,

aquelas pedras da rua do centro,

os pombos sobrevoando, um dia ainda quero catalogar os pombos de Florianópolis,

eu não gostava deles, mas de uns tempos pra cá eles me trazem o contentamento: estou em Floripa.

Lembro do cheiro de batata-frita entre o Massa Viva e o Bob's,

as pessoas que não se cumprimentavam, mas cruzavam os olhares.

Às vezes alguém levava violão e a gente podia ouvir alguma música indie como melodia, mas se tocavam Armandinho todos sabiam.

Era o caos do centro de sempre, as pessoas fazendo compras, gente transitando até o terminal, e nós, os jovens, vivendo algo que ninguém nunca me explicou naquele momento.

Ocupação do espaço público, formação de um espaço livre para ser quem se é.

Gosto de passar na frente daquelas cadeiras e lembrar de toda conversa, dos olhares, risadas e tudo que me fez ser quem eu sou hoje.

Todas as sextas eu lembro como é importante ser cercada por pessoas que nos dão segurança de apenas ser.

---

<sup>17</sup> Perguntas enviadas para começar o mapeamento dessas mulheres e dessas histórias.

<sup>18</sup> Intitulado: *Todas as sextas*, poema escrito por mim no ano de 2022.

# o bob's da trajano

Essa história começou há mais ou menos treze anos, os jovens homossexuais e LGBT da grande Florianópolis se juntavam na frente do restaurante Bob's no período da tarde, a maioria saía da escola e vinham direto, principalmente quem estudava no centro. Tudo acontecia ali, paquera, vinho barato (campo largo) e tudo que você pode imaginar que jovens reunidos poderiam proporcionar. O cronograma começava quinta-feira, o famoso almoço de quinta, era na frente do hotel Majestic, localizado na Av. Jorn. Rubéns de Arruda Ramos, de frente a Av. Beira Mar, sendo uma das localizações mais caras de morar, e não à-toa o local que mais avistamos bandeiras do Brasil hasteadas em período eleitoral atualmente, a elite de Florianópolis rodeia a região, assim como o bolsonarismo. Na sexta-feira o encontro era na frente do bobs, com os anos o Museu Histórico de Santa Catarina — Palácio Cruz e Sousa começou a ser mais truculento com esses jovens que ali frequentavam semanalmente, pois eles abriam na parte de trás, assim tínhamos acesso à área da escada (sempre ficava um policial militar resguardando o espaço) começaram a ser mais truculentos com esses jovens que ali frequentavam semanalmente. O bob's hoje não existe mais, claro o restaurante de fast food ainda está lá, mas é só isso.



Figura 24. Entendida. Pág. 13. 2022. Revista, 29.7x21.5 cm.

A ideia era falar sobre essas histórias que percorrem o mundo lésbico, uma espécie de arquivo lésbico desta Ilha do Velcro. Recentemente participei de uma exposição e lá tinha uma imagem do Traplev a qual me trouxe a meu trabalho, que dizia: "Sozinho a gente não vale nada", e realmente, sem as pessoas ao nosso redor, o que sobra?

Conforme o número de respostas foi crescendo surgiu a necessidade de existir uma plataforma de formulário, até para facilitar o apanhado dessas respostas. Sendo assim, criei algumas outras perguntas para separar melhor essa busca. Incluí idade, região, etnia, lugares nos quais essas mulheres se sentiam seguras na ilha e claro as perguntas iniciais.

Ao final o formulário contava com vinte e três respostas, mais as respostas que foram enviadas por mensagem, selecionei as que faziam mais sentido nesse apanhado, muita coisa ficou de fora, mas acho que faz parte desse arquivo uma curadoria da Ilha do Velcro.

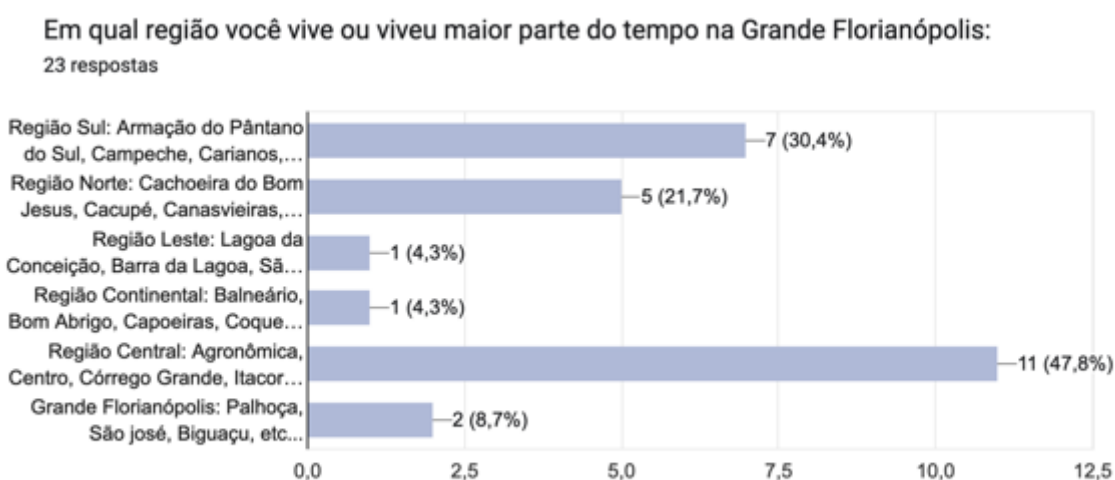


Figura 25. Gráfico de regiões das participantes. 2022.

A parte que mais me deixava curiosa era em quais regiões essas mulheres estavam, foi então que fiz uma separação por regiões, estas eram: **Região Sul:** Armação do Pântano do Sul, Campeche, Carianos, Costeira do Pirajubaé, Pântano do Sul, Ribeirão da Ilha, Rio Tavares e Tapera. **Região Norte:** Cachoeira do Bom Jesus, Cacupé, Canasvieiras, Daniela, Ingleses do Rio Vermelho, Jurerê, Internacional, Jurerê Tradicional, Ponta das Canas, Praia Brava, Sambaqui e Santo

Antônio de Lisboa. **Região Leste:** Lagoa da Conceição, Barra da Lagoa, São João do Rio Vermelho. **Região Continental:** Balneário, Bom Abrigo, Capoeiras, Coqueiros, Estreito, Itaguaçu e Jardim Atlântico. **Região Central:** Agronômica, Centro, Córrego Grande, Itacorubi, João Paulo, José Mendes, Monte Verde, Pantanal, Saco dos Limões, Saco Grande, Santa Mônica, Trindade e Carvoeira e por fim **Grande Florianópolis:** Palhoça, São José, Biguaçu, etc...

Na construção da revista a ideia foi subdividir o mapa por marcadores de localização para visualmente separar essas respostas, que inicialmente não eram, mas por pedidos se tornaram sigilosas.

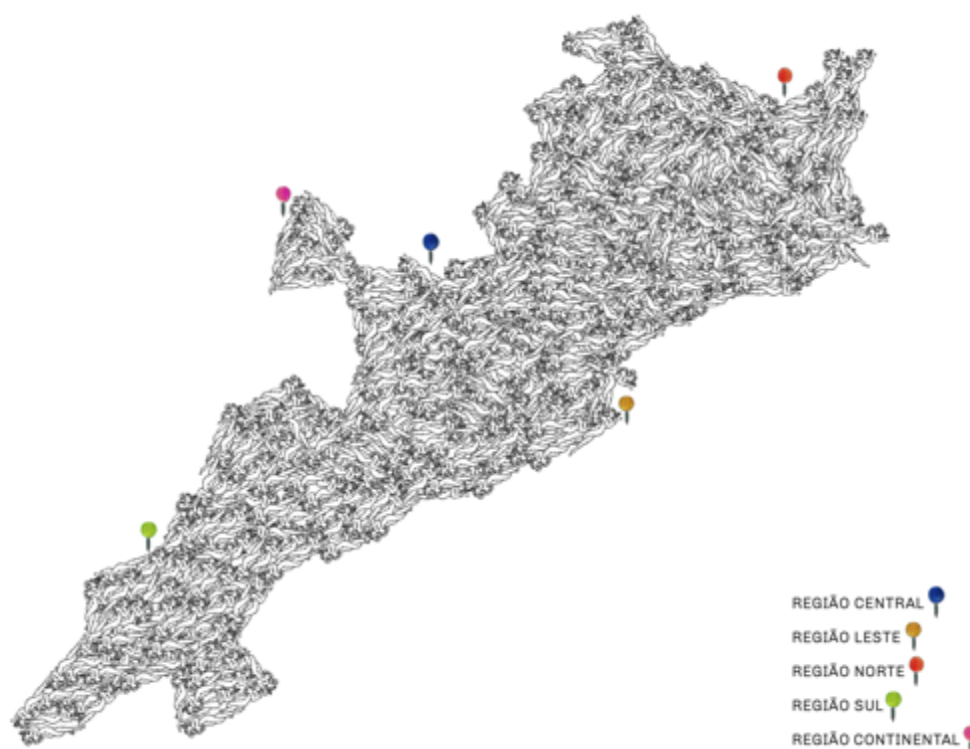


Figura 26. Entendida. Pág. 8 e 9. 2022. Revista, 29.7x21.5 cm.

Reunindo essas respostas iniciei a curadoria de quais histórias entrariam na revista, juntei todas elas e parti para a produção das ilustrações que iriam adentrar a edição. Foram dez ilustrações no total, incluindo os marcadores de localização. A capa é um trabalho que foi desenvolvido na temática inicial da Ilha do Velcro, adiante irei elaborar melhor como foi a construção desta que é uma série.





Figura 27. Tican-Titri. 2022. Nanquim e caneta hidrocor, 12x5 cm.

“estava eu, sapatona de canasvieiras, trabalhando na temporada de verão em uma lojinha turística qualquer como fazia todos os anos. naquela temporada fiz uma amiga, uma moça que veio do RS pra aproveitar o verão e juntar dinheiro também, trabalhando noutra lojinha dessas perto da minha. aí a gente dava roles bacanas bem amigas mesmo e aí um dia ela disse “nossa dei match com uma menina incrível ficamos foi bem legal tu tem que conhecer!!” e eu falei legal vamo nessa”. chegamos no rolê e eu dou de cara com quem? claaaaro, uma ex ficante de mil anos atrás. rebuceteio da ilha não falha!!!!”

“Tem uma história que eu gosto minha que é pessoal, eu ficava com uma menina do meu colégio e queríamos passar mais tempo juntas sem necessariamente gastar dinheiro da passagem mas sem sair dos terminais e aí ficávamos andando de ônibus pra lá e pra cá juntas, ouvindo músicas e se acariciando de um jeito reservado pra não sofrer lesbofobia. Nosso terminal favorito era o tilag.”

“Nenhuma história em específico, mas a ilha é cheia de rebuceteio.”

“Uma amiga gaúcha (que coisa mais típica uma gaúcha na ilha?) mudou pra canasvieiras quando era adolescente e em um verão se apaixonou por uma argentina!! (mais clichê que isso????) Acontece que essa argentina foi-se embora e passou um bom tempo (anos!) e elas não tinham mais contato. Há um certo ano, minha amiga deu match com uma moça no tinder, marcaram de se encontrar e quando foram se ver pessoalmente ela não percebeu a princípio até a mulher perguntar “no te a acuerdas de mi???” pois sim, era aquela mesma moça argentina, mudada e crescida e mais sapatona que nunca!!!”

Figura 28. Entendida. Pág. 7. 2022. Revista, 29.7x21.5 cm.

A construção das ilustrações era baseada nas histórias, desta forma a ideia era identificar elementos que contassem ou resumissem aqueles casos. Incontáveis vezes já passei por aquele terminal<sup>19</sup>, a imagem no ônibus azul me veio na cabeça, o terminal que mais vemos o pessoal de cooler no verão, biquíni, um milhão de idiomas sendo falados, torrão na pele pós-praia, sem contar que para chegar até ele descemos o Morro da Lagoa, lugar cheio de árvores, plantas e uma vista que não conseguiria descrever, se um dia você descer o Morro da Lagoa você vai se lembrar.

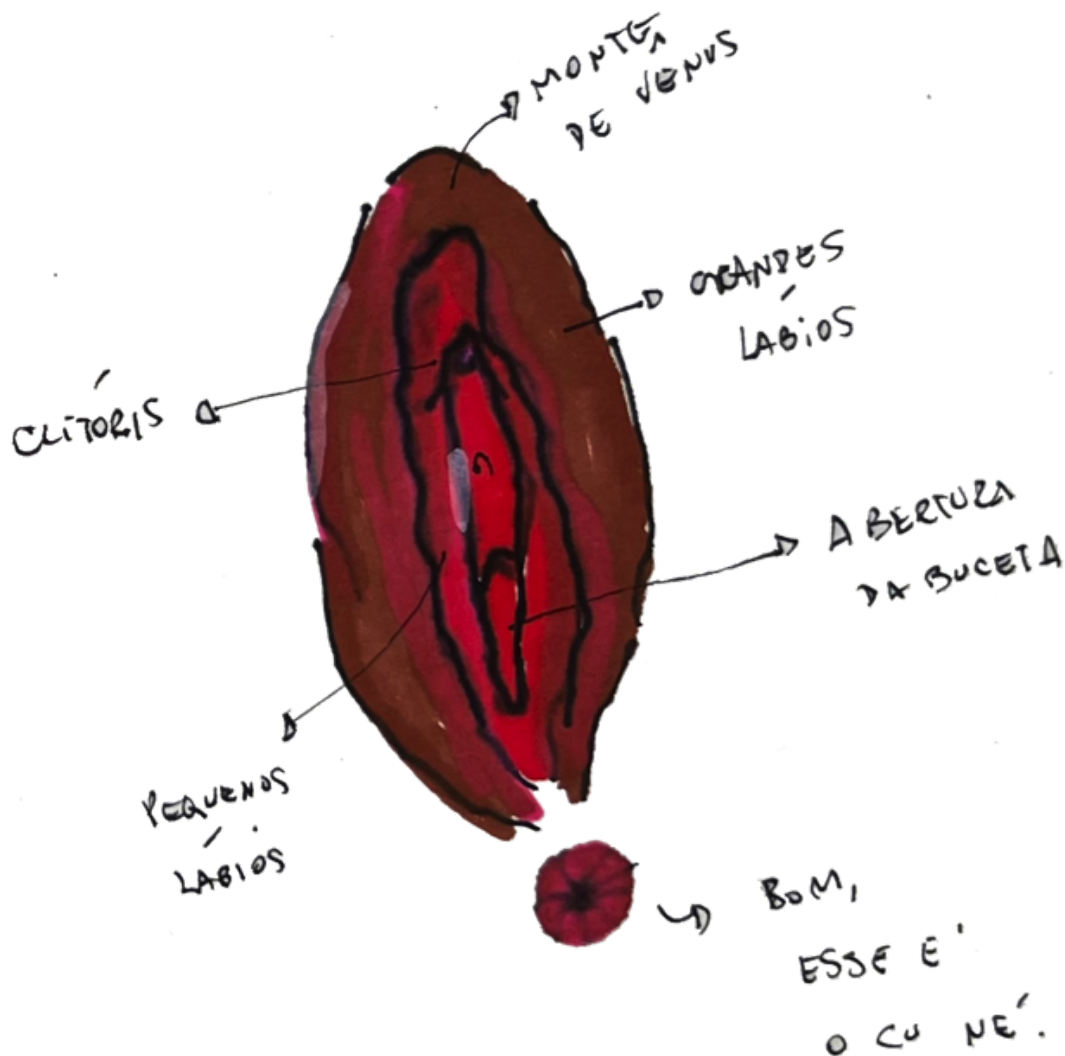


Figura 29. Mapa Ilha do Velcro. 2022. Nanquim e caneta hidrocor, 12x5 cm.

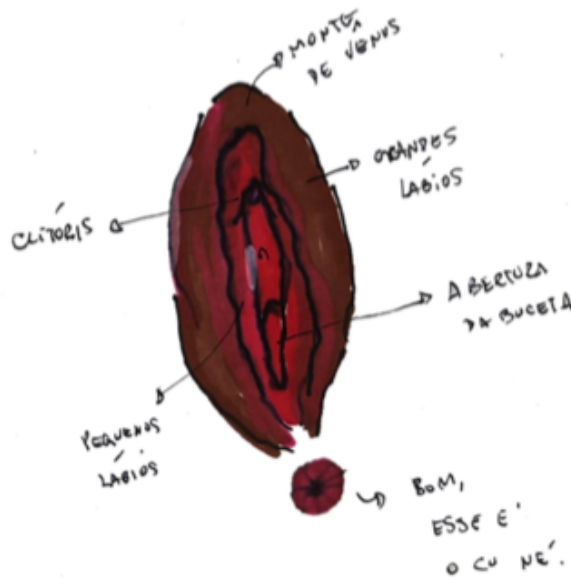
<sup>19</sup> Na história do desenho do ônibus onde é indicado o Tican, terminal que fica na Lagoa.

Durante o processo dessas ilustrações a ideia de mapa estava muito frequente na minha cabeça, desta forma passei a ver a ideia da buceta como um mapa.

### FAMÍLIA UNIDA

“Sou não-monogâmica e sim, durante três meses estive saindo com a mãe e a filha ao mesmo tempo sem saber. A mãe sabia que a filha é lésbica, e a filha sabia que a mãe é bi, desde que se divorciou. As duas eram muito amigas e moravam juntas, mas não contavam de mim uma pra outra. Eu ia às vezes buscar a filha em casa e a mãe no trabalho, pra gnt ir pra algum restaurante, barzinho, motel rs até que um dia ela falou que a filha tava viajando, nem desconfiei. Ela foi me guiando até chegar à casa dela e pimba: era a mesma casa e a ficha caiu. A mãe tem harmonização facial e pinta o cabelo, a filha tem piercing, elas são parecidas, mas nem tanto. Fiquei sem saber como agir por um tempo, até que contei pra cada uma separadamente e parei de sair com as duas.”

“uma vez ouvi um que era assim: uma menina namorava outra que era super próxima da prima, próxima de fazer praticamente tudo junto. a namorada e a prima sempre trocavam carinhos e a menina desconfiava mas achava impossível pois: prima. enfim, um belo dia essa menina tava arrumando a casa e encontra uma carta dentro de uma jaqueta da namorada. de quem? da prima. e daí pra frente foi um grande rolo, e no fim as duas acabaram terminando. este eh o meu CAUSO.”



“Floripa tem um bar no centro que tira foto de todo mundo que está lá bebendo e curtindo com as amigas. Isso não seria problema nenhum se eles não postassem nos stories do instagram, causando muito babado pras monas safadas e come quieto da cidade. Certa vez, uma amiga estava nesse bar e ficando com uma menina que tinha um rolo gigante mal resolvido ainda com a ex. Quando perguntada se poderia posar para uma foto no bar com essa menina e uma amiga, ela não sabia que seria postada em alguma rede social do bar. Resumo: A ex da menina mal resolvida viu a foto no instagram do bar e deu um rolo enorme.”

Figura 30. Entendida. Pág. 6. 2022. Revista, 29.7x21.5 cm.

Quem são essas mulheres? Como elas identificam essas mulheres lésbicas? Me perguntei diversos dias, como seria a imagem dessa mulher lésbica da Ilha do Velcro. Uma das perguntas do formulário era essa identificação enquanto persona, que é a uma representação semifictícia. Na região norte tivemos o seguinte relato: “A sapa de Canas é serelepe e adora a praia, claro. A praia não é só pra banho de sol e mar, é ponto de encontro na noite, tomando uma cervejinha com as amigas ou a namorada e fumando um verdinho! Na adolescência andava pelo bairro com os amigos meninos e jogava futebol na praia com eles! A sapa de Canas é uma mulher trabalhadora, geralmente pega a linha 221 todos os dias e conhece muita gente pela ilha! É magricela e comprida, usa camisetas largas e bonés que cobrem os cabelos longos.”

A região que mais obteve respostas foi a região central, por ser esse local de concentração de bares e baladas, a busca por uma moradia mais próxima ao centro é sinônimo de maior acesso à vida social, sem dúvida. Morei 28 anos na cidade vizinha da ilha, um fato importante, pois eu não sou uma mulher da ilha, mas transito por aquela ponte diariamente, nunca voltei igual nas idas e vindas. A Grande Florianópolis é formada por nove municípios, a maioria das pessoas vai até a ilha para trabalhar, ou para ter uma vida social, mas de alguma forma transita entre as cidades como um conglomerado, como se fosse uma só. Muitas pessoas migram de outra cidade do estado para poder se sentir mais confortáveis em viver sua sexualidade, como vemos neste relato coletado no formulário:

Na cidade onde nasci sempre me senti muito de fora e nunca 100% aceita, vindo de um lugar tradicional, do interior foi difícil assumir minha sexualidade, aceitar que eu sou uma mulher lésbica e me sentir bem com isso. Há 2 anos me mudei para Florianópolis à procura de um lugar mais seguro e sem preconceitos, muitos amigos meus já moravam aqui e falavam que era um lugar muito mais tranquilo. Minha experiência em Florianópolis sempre foi muito boa, difícil citar vezes que passei desconforto ou comentários sobre ser lésbica. Sinto que Floripa é um lugar onde sou aceita, consigo ser quem eu sou e também conheci várias outras mulheres que passaram o mesmo. Acredito também que Floripa possui balada, festas, lugares e rolês para a comunidade lésbica.

Assim, acredito que o território está contribuindo para essas vivências de alguma forma, possibilitando um detalhe que parece pequeno, o ser.



Figura 31. Entendida. Pág. 14 e 15. 2022. Revista, 29.7x21.5 cm

Na região sul obtivemos uma descrição bem detalhada da mulher lésbica:

Consigno enxergar dois tipos diferentes de mulheres, que podem até mesmo se intercalar. 1) Floripa é um lugar de fuga de muitas pessoas que vêm de outras cidades onde não tiveram a liberdade de poder ser elas mesmas. Por isso, essas mulheres têm a liberdade de se vestir como quiserem, mas uma tendência clara é o estilo elegante, cada uma do seu jeito. Apostando sempre em cores marcantes, looks que não passam despercebidos, paletas escolhidas a dedo e às vezes monocromáticas. As que gostam de maquiagem, não fazem maquiagens básicas, sempre apostam no diferente, em desenhos e cores incomuns. Todas apostam no bom e velho skin care e mantêm o rosto sempre saudável e lindo, por isso a maioria só sai na rua com protetor solar no rosto e nem um pingo de maquiagem, sabendo que seu look está lindo e sua beleza natural encaixa perfeitamente com ele. Seguindo a vibe do estilo elegante, isso também vale para os lugares que preferem frequentar com elas e as bebidas preferidas: um barzinho novo, com decoração interessante, com drinks de qualidade. Às vezes não um bar tão novo, como o Lama, mas intimista e com a certeza de que vai ter apenas seu grupo de mulheres e agregadas por ali. Mas como ninguém é de ferro, variar pela Hercílio luz e bares da Victor Meirelles é um clássico e mostra que as divas são acessíveis a outros públicos. Mas sempre que surgir oportunidade de um encontro mais intimista, seja em um bar ou na casa de alguém, será a opção preferida. A bebida de escolha geralmente é um drink ou vinho, tentando inovar nos sabores. Mulheres baristas e boas cozinheiras são sempre mais veneradas, afinal: gostosas, de todas as maneiras. 2) outro tipo de mulheres que se relacionam com mulheres que consigo enxergar mas sem muito conhecimento sobre, são mulheres que praticam esportes e não frequentam muitas festas (que eu saiba). Tem tanto

de um rolê específico de pessoas ricas e jovens já nascidas em Floripa que, provavelmente, teve contato no país sul da ilha: meninas que andam de skate na Hi Adventure ou surfam juntas. Também tem outro rolê que seria do skate em geral, não necessariamente sendo mulheres ricas, mas abrangendo mais classes sociais e etnias. Essas últimas curtem mais cerveja barata do que drinks, rolês mais diurnos a noturnos.

Compreendendo que estas descrições são um recorte muito específico de classe social, etnia e idade, mas algo que devo concordar é a descrição da mulher lésbica da Trindade: “Uma mulher lésbica da Trindade é uma loucura né! Bairro universitário a gente consegue ver todos os ‘tipos de sapatão’, mas as minhas preferidas são as caminhoneiras, que gostam de ir pro bar beber uma cerveja, trocar uma ideia e no off ser a conchinha menor.” Brincadeiras à parte, reuni aqui diversas identidades formadas por essas mulheres lésbicas da região da grande Florianópolis, com intuito de entender essa imagem, este arquivo visual na cabeça dessas mulheres.

A ideia da revista<sup>20</sup> ainda é um rascunho, uma ideia, quase um conceito, imagino que este trabalho irá se desenvolver em uma revista, nem que seja anual, incluir a personalidade da Ilha do Velcro em outros pequenos detalhes. Busquei trazer minha visão da ilha, um pouco da minha história até aqui, aqueles lugares fizeram parte da minha infância, adolescência e é nesta ilha onde conheci minhas amigas, meus amores e onde me proporcionou ser quem eu sou hoje.

### **3.2 Ilha de fricção**

A ideia de dar "uma cara" à ilha percorreu todo o enredo dessa fricção, pensando no contorno já preexistente da ilha de Florianópolis foi se costurando sua forma.

Passei três meses ilhada em Florianópolis para a construção deste escrito, sempre fui uma moradora do continente, uma ponte me separava dela, do velcro, da ficção e da fricção. Como produzir sobre a ilha sem estar nela? Desse modo, me enraizei na ilha, vivenciei suas mudanças de humor repentinas, aquela chuva no

---

<sup>20</sup> Sinalizo aqui a importância da revista “Chana com Chana” para a história lésbica brasileira, sendo a primeira publicação lésbica em formato de revista publicada. Era direcionada para um público lésbico, publicada pelo Grupo Lésbico Feminista e posteriormente pelo Grupo de Atividade Lésbico-Feminista - GALF, a revista funcionou de 1981 a 1987.

meio da tarde depois de um dia ensolarado, seu ar congelante do inverno e claro nosso amado (por alguns nem tanto) nosso vento sul (sul).



Figura 31. Processo de produção, Fotografia digital, 2022.

Quando comecei a pensar sobre o contorno da ilha e seu formato, abro a gaveta e deparo com três sacos enormes de tipografia, na sala da minha amiga Gabi

Bresola, rapidamente mandei um áudio pedindo para poder trabalhar com aqueles "carimbos", nome apelidado por mim. Ela ficou confusa, pois ela não lembrava de nenhum carimbo, e depois lembrou dos sacos de tipografia na sala.



Figura 32. Processo de produção, tipografias. Fotografia digital, 2022.





Figura 33. Processo de produção, tipografias. Fotografia digital, 2022.

Na mesma semana formou-se um ateliê sapatão no meio sala, peguei os cavaletes, coloquei a mesa de madeira e comecei a testar. Liguei para minhas amigas Tamires, Maria Fernanda e Rebeca, reuni elas para poder falar sobre a ideia de ilha, que era um embrião nesta época. O ateliê virou oficina, comecei a explicar sobre meu projeto e sobre os processos de gravura, depois começamos a esboçar a ideia em palavras.

Esse ateliê durou algumas sessões, até que se formaram as ideias principais sobre a ilha do velcro, o processo de impressão, esboço, foi um vai e vem das mãos, até chegar à imagem de ilha e seus derivados.

Os testes ocorreram em folha de ofício, papel vegetal e papel de aquarela de 240g, com tintagem preta.

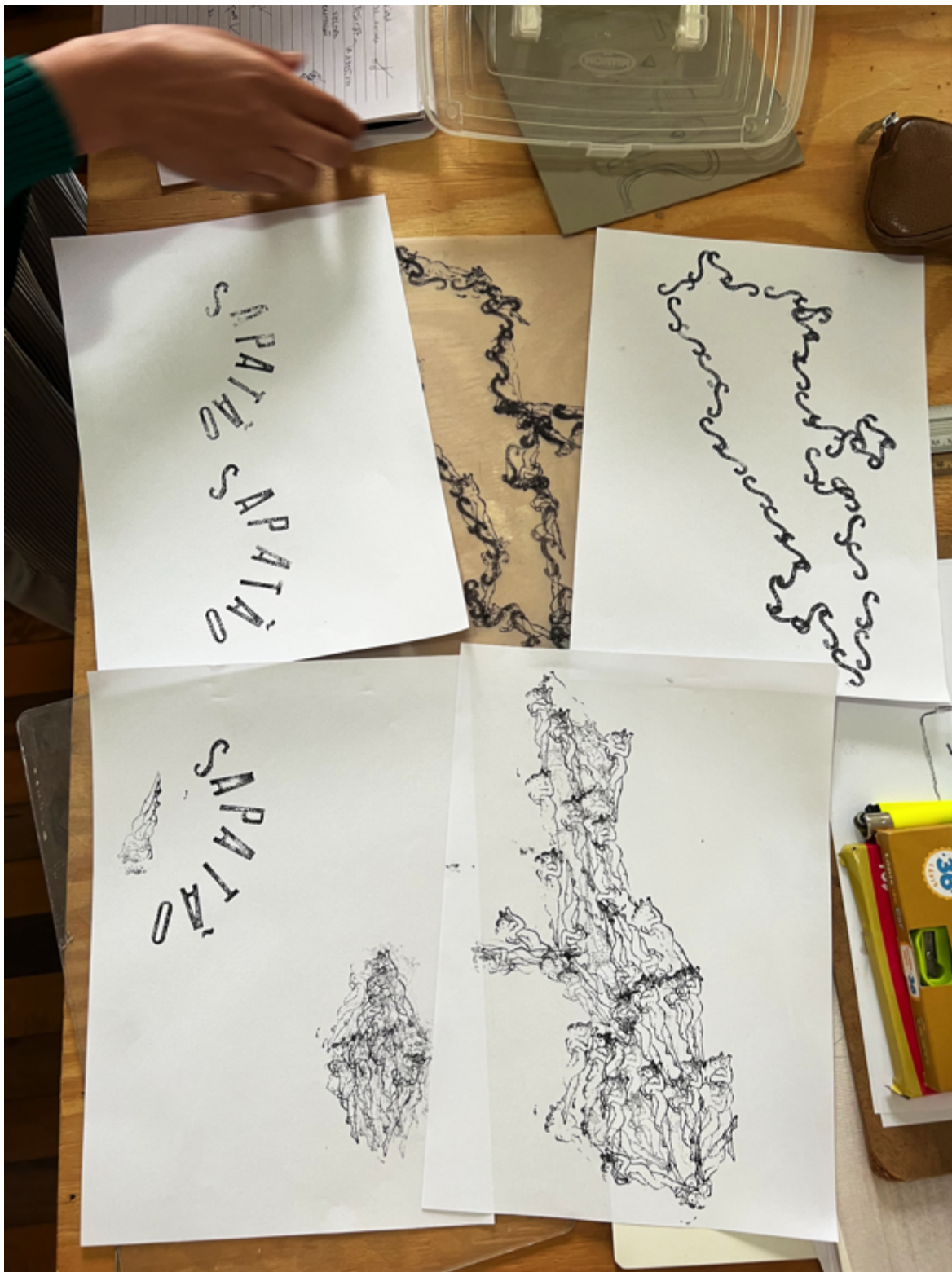


Figura 34. Processo de produção. Fotografia digital, 2022.

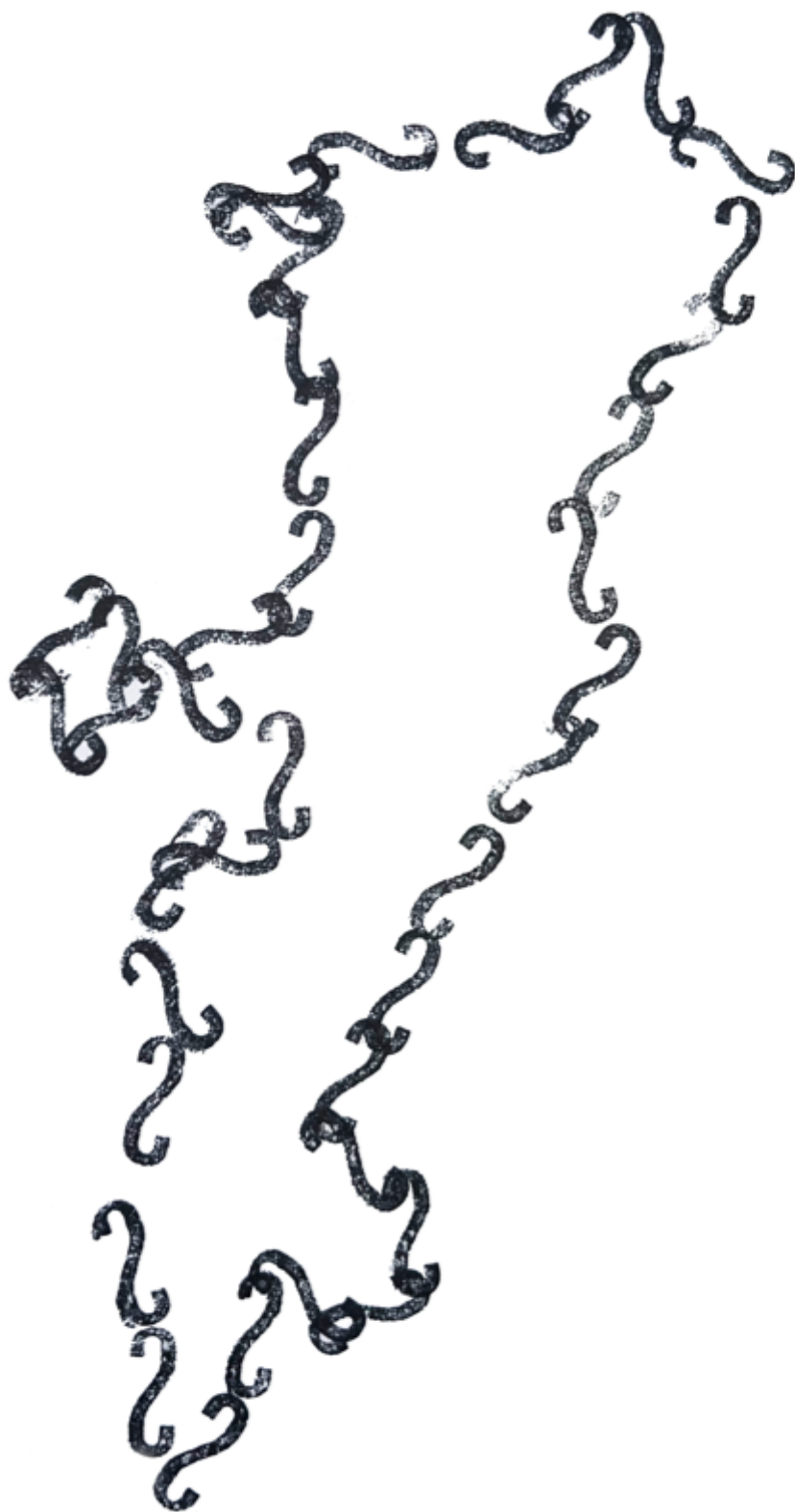


Figura 35. S de sapatão. Impressão tipográfica. 2022.21 x 29,7 cm.



Figura 36. Ilha do Velcro I. 2022. Ilustração digital. 84,1x118,9 cm.



Figura 37. Ilha do Velcro II. 2022. Ilustração digital. 84,1x118,9 cm.

Após esses processos de ateliê a produção migrou para o computador, era hora de editar as imagens e testar possibilidades digitais. Com auxílio de ferramentas digitais pude retirar uma imagem mais definida do processo gráfico que foi formar a ilha. O casal representado no carimbo representa para mim todas as mulheres lésbicas que frequentam ou frequentaram a ilha, uma forma de estampar nossas possibilidades de ser e estar.

Produzindo as imagens encabecei a formação de novas plataformas para este trabalho, processo que ainda vejo em andamento, mas obtive ramificações possíveis e táteis. As imagens a seguir são os registros deste primeiro teste de colagem de lambes, esse processo se desenvolveu em torno de sete dias, e esses lambes foram arrancados antes mesmo que eles secassem, um modo de veto, do não olhar. Entendendo que a ilha é um lugar bem úmido, os testes se deram em variados dias e muros.

Escrevi:

Colar<sup>21</sup> papel é mais difícil que colar velcro,  
depende do dia, claro.

Algo em comum entre colar velcro e lambe é que precisamos de paciência.

Dentre todas as variáveis, o papel não dura pra sempre, e também nunca presenciei um velcro ficar grudado para sempre, engraçado né?

Quando falo de velcro lembro do primeiro tênis que tive quando mudei de escola, era um preto que tive que comprar para o desfile cívico, lembro de ficar puxando e colocando, a praticidade me comoveu.

Colar velcro nunca foi tão fácil quanto na quarta série, lembro de olhar para os sapatos das outras meninas e todas já usavam cadarço, continuei usando o velcro por muito tempo, ainda uso.

Lembro de ser sempre a primeira a chegar na escola, ainda escuro e ficar olhando para os meus pés com o sapato novo, mexendo pra cima e pra baixo.

Queria falar para a menina da quarta série que é normal gostar de colar velcro, e que no futuro ela vai ter várias amigas que vão entender seu gosto por fricção.

---

<sup>21</sup> Poema intitulado *Na quarta série ela não poderia entender*, escrito em 2022.



Figura 38. Registro de colagem da Ilha do Velcro. 2022. Fotografia digital.

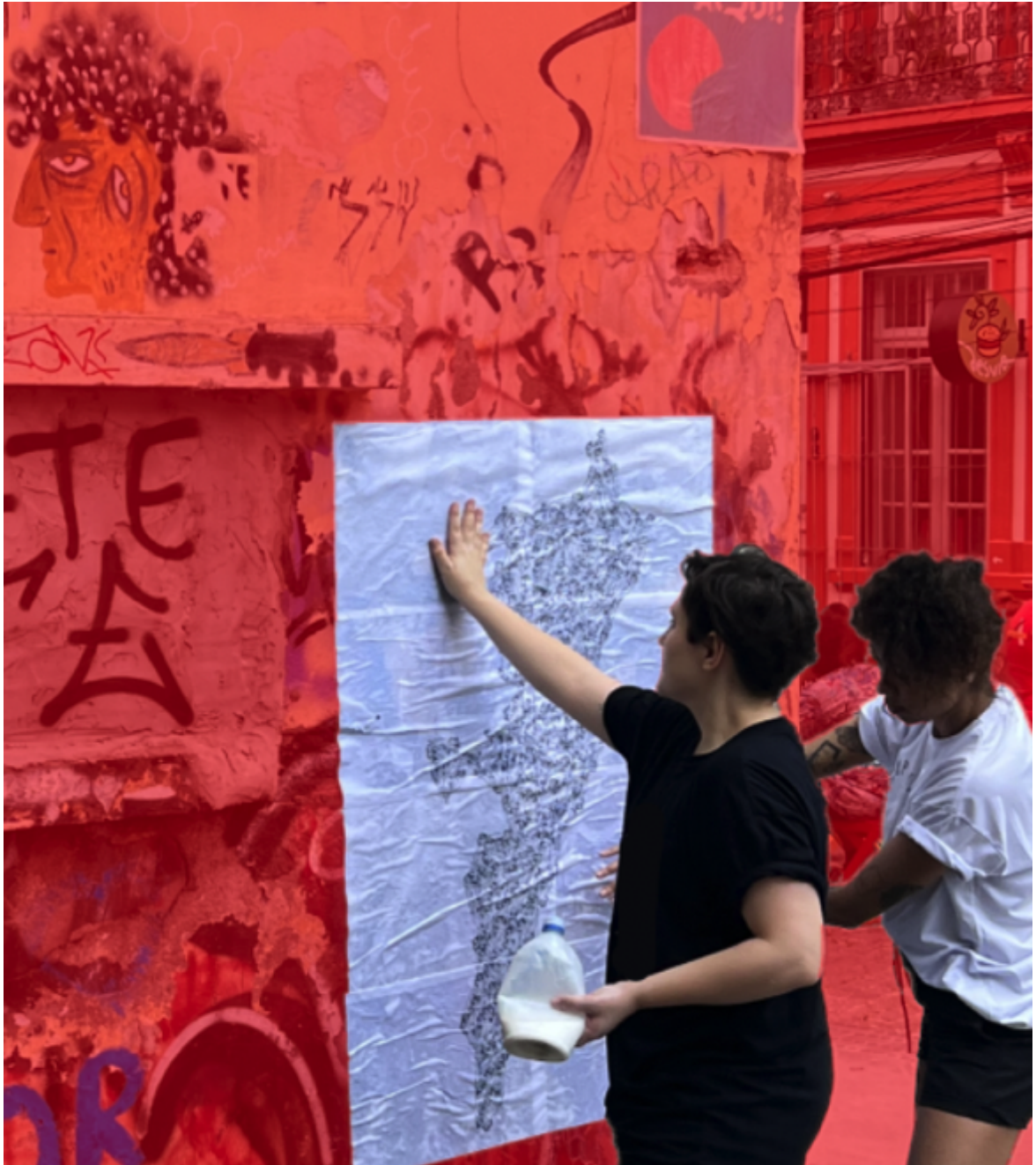


Figura 39. Registro de colagem da Ilha do Velcro. 2022. Fotografia digital.





Figura 40. Horizonte. 2022. Impressão tipográfica. 21 x 29,7 cm.

O trabalho *Horizonte* nasceu junto aos processos de ateliê, a tipografia foi ferramenta primordial para que ele acontecesse. A palavra Sapatão forma uma paisagem, fazendo alusão a um horizonte, formando esta imagem.

A obra *Fricção Vestível*, advinda da imagem *Horizonte*, se desenvolveu na ideia de perfomar um dispositivo vestível, uma forma de acionar e sinalizar a vivência lésbica. Convidei minha amiga Tamires para poder representar esta obra, mulher preta, lésbica, que vive na ilha há anos na área central, ninguém sabe mais de rotas do que ela.



Figura 41. Fricção Vestível. 2022. Fotografia digital.

De forma a dialogar com este trabalho escrevi:

Onde eu estava com a cabeça?<sup>22</sup>

Minha amiga disse pra eu ficar solteira um ano, é, não deu.

Nunca tive medo de outras pessoas, do tempo, dela e de você.

Tenho medo de mim, da faca pontiaguda da gaveta, da tesourinha, das pontas afiadas de objetos que me fazem esquecer que dia é hoje.

Tem tesouras que paralisam a gente,

nem tudo que reluz é couro.

Para formar uma tesoura precisa-se de duas pontas,

assim como as engrenagens, elas só operam aos pares.



Figura 42. Tesourinha de unha. Desenho digital. 29,7 x 42 cm. 2022.

---

<sup>22</sup> Poema intitulado *Para formar uma tesoura precisa-se de duas pontas*, de 2022.



Figura 43. Eu sou uma lésbica, 2022. Cartaz. 29,7 x 42 cm. 2022.

Pela obra de Cassandra me senti colocada entre seus escritos, eu sou uma lésbica, mas qual destas lésbicas descritas no cartaz eu seria? Irrelevante a associação direta, o que me importava saber era em qual contexto estava. Empilhei as palavras designadas à mulher lésbica, como se fosse uma lista de mercado, ia incluindo a cada leitura uma palavra nova, como quem coleciona figurinhas.

Deixei no meu bloco de notas a lista permanente de palavras, acho que essa lista nunca vai cessar de crescer, ontem mesmo incluí mais duas. Com a ideia de produzir um cartaz, iniciei a junção dessa minibiblioteca de palavras. A construção imagem/texto foi elaborada com o intuito de colecionar, instigar essas palavras nem um pouco corriqueiras do nosso vocabulário.



Figura 44. Registro de colagem da Ilha do Velcro. 2022. Fotografia digital.

Após ter desenvolvido as imagens de palavras, o trabalho desdobrou-se como no ato de colar velcro, busquei um material adesivo, desta forma conseguiria

abranger mais locais de maneira mais prática para disseminar as palavras lesbianas.



Figura 45. Registro de colagem da Ilha do Velcro. 2022. Fotografia digital.

## Considerações finais

Durante esses anos fomentando este escrito me vi muito atrelada às palavras que sinalizam, verbalizam um ato de apenas "ser", e como eu teoricamente explico o que só se pode ser na prática?

Quase adentrando o próximo ano nos encontramos, depois de longos anos vivendo com medo e atreladas ao horror de se viver em país homofóbico, racista e genocida, me sinto aliviada de certa forma, com o cenário político projetando um novo horizonte, diferente do que tínhamos quando iniciamos este escrito. Eu não quero mais ter medo de morrer diariamente, espero que esses dias nunca mais retornem ao nosso país e que flertar com a ditadura não seja sinônimo patriótico.

Sinalizo que compreendo a importância de todas que vieram antes de mim, principalmente daquelas que estiveram onde não era permitido, para hoje eu poder estar aqui escrevendo e sendo e proporcionar a liberdade de ser artista realizadora, cujos trabalhos estão fortemente carregados de questões de identidade de gênero.

O trabalho aqui descrito teve o intuito de mostrar um pequeno trecho sobre a questão da palavra atrelada à lesbianidade, o processo artístico teve seu fomento na vivência lesbiana, atrelada aos diversos universos e na potencialidade do que é ser sapatão.

O ato de fricção toma-se como meu método durante o processo artístico e para a inserção no sistema da arte, as palavras se friccionam com as práticas. Desta forma, compreendo que este escrito se desenha como uma construção social, política, artística da temática lésbica enquanto produção, assim, produzir uma arte lésbica, que reflete a realidade em caráter biográfico do que pode ser estes passos ou caminhos, para que a gente possa brigar por uma circulação e aumento da visibilidade na construção não apenas de reputações de carreiras individuais, mas de um contexto social que permite a circulação, aceitação e a legitimação enquanto estratégia de visibilidade.

## Bibliografia

AULER, Livia Bittencourt. Mulheres que amam mulheres: Uma Investigação na História das Artes Visuais. In: **VII SEMINÁRIO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE, DO SEMINÁRIO INTERNACIONAL CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE E DO LUSO-BRASILEIRO EDUCAÇÃO EM SEXUALIDADE, GÊNERO, SAÚDE E SUSTENTABILIDADE , VII e III**. 2018, Rio Grande. Anais eletrônicos: organizadoras Paula Regina Costa Ribeiro...[et al] Rio Grande : Ed. da FURG, 2018. Disponível em: <<http://www.7seminario.furg.br/p.>>.

BACELLAR, Laura. A Palavra lésbica. In: BACELLAR, Laura; FACCO, Lúcia; KORICH, Hannah (Org.). **Frente e verso: visões da lesbiandade**. 2010, São Paulo: Malagueta.

BLANCA, Rosa Maria; LUGE, Cheyenne; JEFFMAN, Marília; DA SILVA, William. Entre o visual, o musical e o escrito: poéticas das divergências. **Revista de estudos indisciplinados em gêneros e sexualidades**, Salvador, v. 1, ed. 4, 17 jan. 2016. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/lasub/images/arquivos/gedesa-periodicus>>. Acesso em: 19 nov. 2021.

BERLANT, Laurent e WARNER, Michael. Sexo em Público. In: Jiménez, Rafael M. M. (org.). **Sexualidades Transgressoras**. Barcelona: Içaria, 2002.

BRUNO, Giordano. **Correspondências**. São Paulo. Editora Hedra, 2012.

CASSUNDÉ, Carlos Eduardo Bitu. **LEONILSON: a natureza do sentir**. 2011. Dissertação (Mestrado) Curso de Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

CAMARGO, Giovanna Alícia; GOMEZ, Monica Alvarez. **Ressignificação e Sentido: gírias LGBTQIA+**. III Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura - SEMLACult, Paraná, p. 1-4, 17 nov. 2020.

GUIMARÃES, Claudia Regina. **Invisível, Eu-Fotografia, Corpo e Gênero**. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, 2021.

HOKI, Leíner Emanuella de Carvalho. Imagens lésbicas: Zanele Muholi e Sokari Ekine, entre visibilidade e invisibilidade. In: ALVES, Bárbara; FERNANDES, Felipe Bruno (Org.). **Pensamento lésbico contemporâneo: decolonialidade, memória, família, educação, política e artes**. Florianópolis (SC): Tribo da Ilha, 2020a.

\_\_\_\_\_, Leíner Emanuella de Carvalho. **Tribades, safistas, sapatonas do mundo, uni-vos: investigações sobre a poética das lesbianidades**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. 2020b.

KORICH, Hanna, realizador. **Cassandra Rios: a Safo de Perdizes**. 2013.

LAW-VILJOEN, Bronwyn. Uma por todas: a sul-africana Zanele Muholi e seus retratos de mulheres negras lésbicas e transgêneros. **Revista Zum**, São Paulo, 01,

junho de 2018. Disponível em:  
<<https://revistazum.com.br/revista-zum-11/uma-por-todas/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2021.

LEJEUNE, P. **O pacto autobiográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014.

LONDERO, Rodolfo Rorato. **Pornografia e censura**: Adelaide Carraro, Cassandra Rios e o sistema literário brasileiro nos anos 1970. Eduel, 2016.

PAZETTO, Debora; MARTINS, Marta; STOLF, Raquel; FAVERO, Sandra Correia; MACÊDO, Silvana. (Org.). **Ensaio de travessia**. 1ed. Belo Horizonte: Relicário, 2021

PESSOA, Leila [et al]. **Solilóquios**. Organização: Edson Macalini, Katharine Nóbrega, Marta Martins. Ilha de Santa Catarina: [s.n], 2020a.

\_\_\_\_\_, Leila. **Truth/Fiction: Correspondência de si**. 1.ed. São José: Independente, 2020b.

RICH, Adrienne. Compulsory Heterosexuality and Lesbian Existence. **Journal of Women's History**, vol. 15, no. 3, 2003, pp. 11-48.

RIOS, Cassandra. **Eu sou uma lésbica**. Rio de Janeiro: Record, 1980.

\_\_\_\_\_, Cassandra. A perseguida. **Revista TPM**. São Paulo: Trip Propaganda e Editora, n.3, jul. 2001. p.2-11. Entrevista concedida a Fernando Luna.

\_\_\_\_\_, Cassandra. **Censura**: minha luta, meu amor. São Paulo: Global Editora e Distribuidora, 1977.

SUTILI, V. ; PESSOA BECHTOLD, L. Vivência lesbiana em Cassandra Rios: Eu sou uma lésbica. **Revista Apotheke**, Florianópolis, v. 6, n. 3, 2021. DOI: 10.5965/24471267632020118. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/apotheke/article/view/18938>. Acesso em: 6 dez. 2022.

WITTIG, Monique. **The straight mind and other essays**. Boston: Beacon, 1992.

WROBLESKI, Renata Biagioni. Retratos em estúdio da artista Catherine Opie / Heterotopias possíveis, **Revista Valise**. [S. l.], v. 1, n. 1, p. 83-93, 31 jul. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/RevistaValise/article/view/19893>. Acesso em: 27 nov. 2022.

ZIMMERMAN, Bonnie. **The Safe Sea of Women**: Lesbian Fiction, 1969-1989. Beacon, 1990.

ZANELE MUHOLI AT WENTRUP (Contemporary Art Daily). Disponível em: <<http://www.contemporaryartdaily.com/2014/04/zanele-muholi-at-wentrup/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2021.